



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Thaís Monise de Lima Xavier

Qin em Perspectiva: Narrativas Históricas e Ficcionalis em *The King's Woman*

JOÃO PESSOA – PB

2025

Thaís Monise de Lima Xavier

Qin em Perspectiva: Narrativas Históricas e Ficcionalis em *The King's Woman*

Monografia apresentada ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura plena em História.

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.º Dr.º Paulo Roberto de Azevedo Maia
Universidade Federal da Paraíba
(Orientador)

Prof.º Dr.º Lúcio Flávio Sá Leitão Peixoto de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba

Prof.º Dr.º Fernando Cauduro Pureza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

JOÃO PESSOA – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

X3q Xavier, Thaís Monise de Lima.
 Qin em perspectiva : narrativas históricas e
 ficcionais em The King's Woman / Thaís Monise de Lima
 Xavier. - João Pessoa, 2025.
 61 f. : il.

 Orientador : Paulo Roberto de Azevedo Maia.
 TCC (Graduação) - Universidade Federal da
 Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
 2025.

 1. História chinesa. 2. Representação. 3.
 Audiovisual. I. Maia, Paulo Roberto de Azevedo. II.
 Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94(510)

Dedico este trabalho à minha falecida bisavó,
Marieta, e aos meus falecidos irmãos de quatro
patas, Mel e Mike.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus amados pais, Janeide e Sérgio, que incentivaram e possibilitaram minha formação. Sem eles, eu não seria nada. Palavras impossibilitam mensurar meu amor por eles. Também destaco a minha família: minha irmã Sophia, meus avós Zefinha e Deda, minha avó Lourdinha, minha tia Fabiana, meu tio Janailson, Kaylani e meu priminho, Yunã, que mexeu nas formatações desse TCC por mais vezes que eu posso contar.

Não posso deixar de destacar a importância que meus amigos e amigas tiveram nessa trajetória — desde aqueles de longa data, como Cecília e Gaby, como aqueles que eu conheci na graduação. Certamente todos eles estão cansados de escutar sobre Qin e *The King's Woman*, mas sempre estão dispostos a me escutar. Em particular, cito as Anas Paulas: Ana Paula de Oliveira Lima e Ana Paula Moura da Costa, fontes de apoio e trocas durante todos esses anos. Em meio aos altos e baixos do curso, rimos e surtamos juntas.

Meu amor pela história começou quando eu ainda tinha 11 anos, através de uma mistura entre o audiovisual (sempre presente em suscitar meu interesse), a literatura e as aulas de história. Nesse sentido, destaco a professora Karla Solano e o professor Márcio, pelas excelentes aulas e apoio desde o começo da minha jornada como historiadora. Ainda no ensino básico, tive inúmeros outros professores cuja participação na minha formação foi inegável.

Já no curso de História, tive um excelente aprendizado, graças aos ótimos docentes. Agradeço especialmente ao meu orientador, o professor Paulo Maia, que me guiou ao longo da iniciação científica e nessa última etapa da graduação.

秦王扫六合，虎视何雄哉！

挥剑决浮云，诸侯尽西来。

明断自天启，大略驾群才。

O rei de Qin varreu o mundo dos seus rivais como
um tigre, quão majéstico ele era!

Partindo as nuvens com sua espada, todos os
lordes do oeste vieram prestar seus respeitos.

Ele concebeu grandes planos e fez sábias decisões,
à sua frente todos os heróis diminuía de
tamanho.

— *Li Bai, Imperador de Qin*

RESUMO

A dinastia Qin (221 – 206 a.C) foi a primeira dinastia imperial chinesa, cujas bases lançadas para o sistema imperial perduraram pelos próximos dois milênios. O *cdrama The King's Woman* se passa nos anos anteriores à unificação chinesa e foca numa das figuras mais emblemáticas da sua história, Ying Zheng, a quem viria a ser o Primeiro Imperador. Para além desse importante personagem, o *cdrama* tem como foco as intrigas palacianas e, em meio a uma China fragmentada, as políticas interestaduais que culminam com a conquista dos demais Estados nas mãos de Qin. O objetivo da pesquisa é, portanto, analisar, através de uma tradição historiográfica chinesa e análise fílmica, a representação desse período e de suas figuras históricas tão infames no *cdrama*, após dois mil anos de narrativas negativas pelas seguintes dinastias. Nesse contexto, também se insere o *cdrama* como uma das formas encontradas pela República Popular da China de propagar ideais chineses para a diáspora do povo chinês e a audiência internacional. Assim, mesmo que o período retratado possua uma imagem predominantemente negativa, o *cdrama* representa Qin e seu implacável governante como necessários para a unificação e preservação do que hoje conhecemos como a China, em um momento que ameaçava a fragmentação permanente desta civilização.

Palavras-chave: história chinesa; representação; audiovisual.

ABSTRACT

The Qin dynasty (221 – 206 a.C) was the first Chinese imperial dynasty, which provided the foundation for the imperial system that endured for the next two millennia. The cdrama *The King's Woman* depicts the years before the Chinese unification and focuses on one of the most emblematic figures of its history, Ying Zheng, who would become The First Emperor. Besides this important character, the cdrama focuses on the palace plots and, while in a fragmented China, the interstate politics that culminate with the conquest of the other States by the hands of Qin. The goal of this research, therefore, is to analyse, through the traditional Chinese historiography, the representation of this period and its infamous historical figures, after two thousand years of negative narratives by the following dynasties. In this context, the cdrama is a means to an end, by the Popular Republic of China, to divulge Chinese ideals to the diaspora of Chinese people and to the international audience. Thus, even though the period depicted is mainly seen as negative, the cdrama represents Qin and its ruthless ruler as necessary for the unification and preservation of what we know today as China, in a moment in which a permanent fragmentation threatened this civilization.

Keywords: Chinese history; representation; audiovisual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa dos Estados Combatentes em 260 a.C.....	14
Figura 02 – Cena do primeiro episódio e reproduzida também na abertura de <i>The King's Woman</i> , onde Ying Zheng executa aliados de Lao Ai.....	36
Figura 03 – Gongsun Li, já como a concubina mais poderosa do palácio, tenta resolver conflitos no harém entre Madame Min e Madame Chu.....	47
Figura 04 – Jing Ke e Ying Zheng lutam na famosa tentativa de assassinato.....	50
Figura 05 – Penteados de <i>The King's Woman</i> foram inspirados nos Guerreiros de Terracota.....	52
Figura 06 – Foto promocional com a roupa luxuosa utilizada por Gongsun Li no melhor momento do seu casamento com Ying Zheng.....	53
 Tabela 01 – Os governantes de Qin no seu apogeu e queda.....	 14

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. Rumo à unificação: Ying Zheng e as políticas de corte e de harém.....	13
1.1 As políticas dos homens: a ascensão de Qin e o legalismo.....	13
1.2 As políticas do palácio interior: as mulheres e os eunucos.....	18
1.3 O dragão negro: Ying Zheng.....	22
2. Olhares para a representação: bases historiográficas e teórico-metodológicas.....	29
3. Os Estados Combatentes dramatizados em <i>The King's Woman</i>	34
3.1 O paradoxo Ying Zheng: unificador ou carniceiro?.....	35
3.2 Entre espadas e leques: Qin sob os olhos de Gongsun Li.....	42
3.3 Cartografia de um regicídio: a tentativa de assassinato por Jing Ke.....	48
3.4 Entre sedas e poder: a narrativa através do figurino.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

O ano era 221 a.C. Nas monções indianas, o Império Máuria estava em declínio. Nos desertos egípcios, Ptolomeu IV Filopator subia ao trono em meio ao declínio faraônico. No estreito Mediterrâneo, a República Romana se estendia cada vez mais pela Gália e Hispânia. Já no que viria a ser as pirâmides do continente americano, a civilização Maia iniciava seu alto desenvolvimento cultural e científico.

Todavia, era nas planícies centrais asiáticas que uma grande mudança ocorria, que viria a ser um modelo de não só uma, como das várias civilizações vizinhas, por mais de dois milênios. O dragão¹, trajado de negro, havia decretado a unificação das terras outrora Xia, Shang e, posteriormente, Zhou, que tinham sido fragmentadas devido ao enfraquecimento do poder do rei Zhou. A partir de então, Han², Zhao, Yan, Wei, Chu e Qi, Estados outrora independentes, tinham que responder à Xianyang, a nova capital do mundo civilizado conhecido pelos chineses.

A unificação do que hoje conhecemos como China foi o resultado de um processo que já durava séculos, como parte da característica expansão Qin. Ying Zheng³ realizou o sonho de seus antepassados e, com um poder nunca antes visto, chegou a criar até mesmo um novo título para si: Huang Di (皇帝)⁴, combinando dois caracteres antigos para governantes e entidades supremas, no que hoje conhecemos como o termo ‘imperador’. Embora infame ao longo da historiografia chinesa, Qin Shi Huang⁵ proporcionou as bases do milenar Império chinês, com sua característica forte soberania nas mãos de um poderoso Filho dos Céus⁶, um sistema estabelecido de recompensas e punições e uma forte burocracia para administrar um maciço império, ao invés de um poder fragmentado similar ao feudalismo.

Embora o período dos Estados Combatentes⁷ (475 – 221 a.C.) e a dinastia Qin (221 – 207 a.C) sejam objetos de estudo há mais de dois milênios, ainda se nota uma ausência de

¹ O mítico dragão chinês é comumente associado ao Imperador.

² Também escrito como Hann para não confundir com a posterior dinastia imperial Han.

³ Antes de subir ao trono, também era conhecido como Zhao Zheng. Ying era o sobrenome dos reis de Qin e Zhao se assume pelo Estado em que ele nasceu e foi criado (Qian, 1993, p. 127). Zheng era o seu nome próprio. Para fins desse trabalho, ele será referido como Ying Zheng ou Qin Shi Huang.

⁴ CLEMENTS, Jonathan. *The First Emperor of China*. Londres: Sutton Publishing, 2006, p. 114.

⁵ Qin Shi Huang (秦始皇) significa Primeiro Imperador de Qin. A intenção era que seus sucessores ficassem conhecidos como Segundo Imperador, Terceiro Imperador, *ad infinitum* (Clements, 2019, p. 77). Devido à queda de Qin, se convencionou a chamar Ying Zheng de Qin Shi Huang, embora ele também seja chamado de Shi Huang Di.

⁶ Outra forma de se referir a um Imperador.

⁷ Outras traduções incluem Período dos Estados Guerreiros ou Era dos Estados em Guerra.

trabalhos científicos acerca de como esse particular período histórico se encontra com as novelas chinesas (*cdramas*), uma parte vital da indústria de entretenimento chinesa. Desde 1990, *cdramas* focados nas dinastias imperiais começaram a dominar a grade de programação dos canais chineses (Guo, 2015, p. 372); Ünal e Binark (2024, p. 180) destacam que as novelas trazem toda uma propaganda governamental consigo, para “promover nacionalismo e valores culturais” (Ünal; Binark, 2024, p. 180, tradução nossa) para os próprios chineses e a diáspora do povo Han chinês, além de ser um charme estrangeiro (*soft power*)⁸ para telespectadores internacionais. Dessa forma, esses *cdramas* carregam não só uma bagagem cultural e de tradição histórica, como também almejam promover uma certa imagem da China para o mundo, mesmo que o período representado não tenha valores compatíveis com o Partido Comunista Chinês.

Para fins desta monografia, será analisado o *cdrama The King's Woman* de 2017, que trata do começo do reinado de Ying Zheng, antes da unificação da China. A escolha dessa novela partiu de uma existente familiaridade com a produção em questão e a inquietação acadêmica acerca de como um período e uma figura histórica tão importante como Qin e Qin Shi Huang são representados no audiovisual chinês. Devido aos *cdramas* focados em Qin serem produzidos em menor escala e mais passíveis de serem vítimas da censura chinesa por causa da complexa figura e representação do homem que criou o império chinês, Ying Zheng (Guo, 2014), a narrativa adotada por *The King's Woman* apresenta, portanto, um cenário pouco explorado pelo audiovisual chinês.

Ademais, a nossa pesquisa se insere em um âmbito inexplorado na produção acadêmica em português; diferentemente do inglês, por exemplo, em que *cdramas* históricos são estudados com maior adesão. Ao utilizar o filtro exclusivo para a língua portuguesa e inserir a palavra-chave “*cdrama*” em uma busca do Google Acadêmico, somente uma dissertação intitulada *O drama televisivo como estratégia de soft power da República Popular da China: o caso da série ‘Amor Eterno’*⁹ teve o foco em um *cdrama*. Todavia, ‘Amor Eterno’ pertence ao gênero *xianxia*, que mistura mitologia chinesa com princípios do taoísmo, budismo, confucionismo e demais tradições chinesas (Ünal; Binark, 2024); outrossim, tal pesquisa não parte do campo da História. Ampliando a busca no Google Acadêmico para o termo “*dorama*¹⁰ chinês”, somente

⁸ Ünal e Binark (2024) e Sparks (2015) discutem essa noção.

⁹ SANTOS, Aline; DANTAS, Guibson. O drama televisivo como estratégia de soft power da República Popular da China: o caso da série Amor Eterno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. Anais [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023.

¹⁰ Dorama é um termo popularmente utilizado no Brasil para produções do leste asiático, englobando *cdramas*, *kdramas* (novelas coreanas), *jdramas* (novelas japonesas), etc.

outra produção foi encontrada, chamada *A Tradução intersemiótica do universo do dorama Yanxi Palace para o jogo Legend of the Phoenix*¹¹, mas, embora trate de um *cdrama* histórico, a perspectiva histórica novamente não é o foco. As demais pesquisas encontradas sob as palavras-chaves apontadas também não são do campo da História, e possuem uma abordagem geral a respeito das novelas asiáticas. Dessa forma, nossa pesquisa apresenta uma nova perspectiva para a historiografia lusófona.

O *cdrama* parte do fato que Qin Shi Huang nunca apontou uma rainha ou, mais tarde, uma imperatriz, e criou a personagem feminina Gongsun Li, proveniente de uma família de artes marciais de um dos Estados pequenos conquistados por Qin. Ela é forçada a virar a concubina de Ying Zheng, que é apaixonado por ela, para salvar a vida do seu primeiro amor, Jing Ke (m. 227 a.C), famoso por sua tentativa de assassinato contra o rei de Qin. A novela mistura ficção com os eventos históricos dos últimos momentos dos Estados Combatentes a fim de compreender uma figura tão complexa como Qin Shi Huang em meio ao cenário turbulento do crepúsculo da China fragmentada.

Para organizar nossa temática, essa monografia foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, *Rumo à unificação: Ying Zheng e as políticas de corte e de harém*, apresenta o contexto histórico necessário para compreender o cenário de *The King's Woman*. Já o nosso segundo capítulo, *Olhares para a representação: bases historiográficas e teórico-metodológicas*, introduz a fundamentação necessária para a nossa análise. Por fim, *Os Estados Combatentes dramatizados em The King's Woman*, traz a análise do *cdrama* estudado.

¹¹ VELOSO, Juliana; SCHLITTLER, Matheus Mendes; LA CARRETTA, Marcelo. A Tradução intersemiótica do universo do dorama Yanxi Palace para o jogo Legend of the Phoenix. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE JOGOS E ENTRETENIMENTO DIGITAL (SBGAMES), 23., 2024, Manaus/AM. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 708-719.

Rumo à unificação: Ying Zheng e as políticas de corte e de harém

1.1 As políticas dos homens: a ascensão de Qin e o legalismo

Muito antes de Qin, a China passou por três dinastias: Xia¹² (c. 2070 – c. 1600 a.C), Shang (c. 1600 – c. 1046 a.C) e Zhou (c. 1046 – 256 a.C). A partir de Zhou, a queda de cada uma dessas dinastias era justificada pelo “Mandato dos Céus” — o governante deveria oferecer sacrifícios e performar rituais para os Céus, na ausência do cumprimento de suas obrigações, os Céus poderiam revogar seu mandato, surgindo, assim, uma nova dinastia. Esse conceito permaneceu como fato entre os chineses por mais de dois milênios, aponta Clements (2019, p. 52).

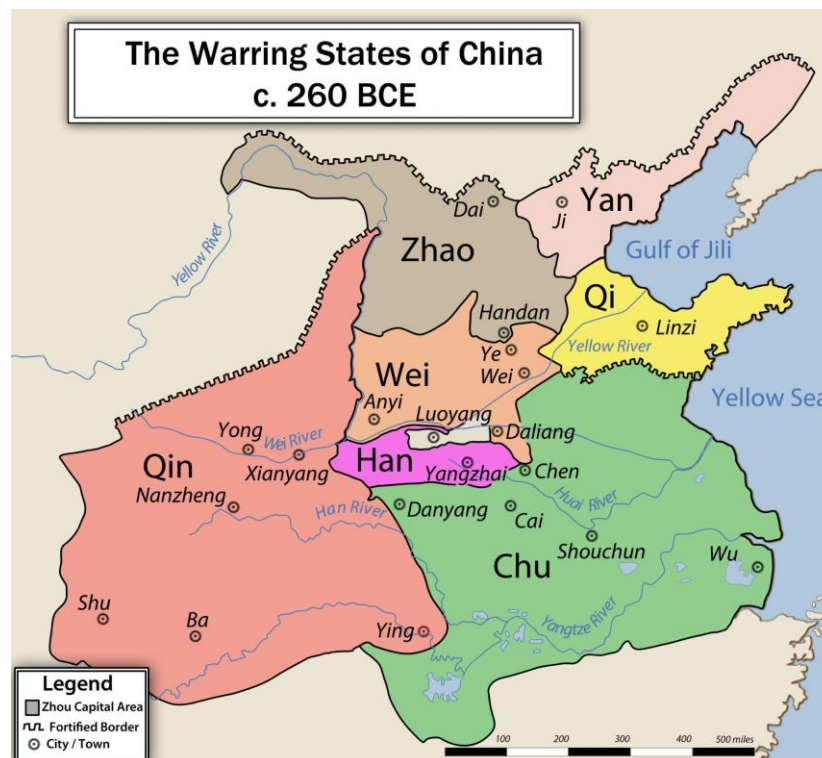
A dinastia Zhou pode ter reinado por quase um milênio, mas seu poder estava extremamente enfraquecido nos seus últimos séculos (Clements, 2019). A historiografia chinesa tradicionalmente divide Zhou em dois¹³: Zhou Ocidental (c. 1046 – c. 771 a.C) e Zhou Oriental (c. 771 – c. 256 a.C), sendo esse também dividido em dois períodos extremamente importantes na história chinesa: o período da Primavera e do Outono (c. 770 – c. 476¹⁴ a.C), derivado dos Anais da Primavera e do Outono cuja autoria é associada à Confúcio (c. 551 – c. 479 a.C), e o período dos Estados Combatentes (475 – 221 a.C.). Ambos os momentos históricos são marcados pelo declínio da soberania Zhou e o surgimento de reinos — antigos ducados distribuídos pelos reis de Zhou — em meio ao esfacelamento Zhou.

FIGURA 01 — Mapa dos Estados Combatentes em 260 a.C.

¹² Xia, Shang e Zhou são as três dinastias pré-império na clássica historiografia chinesa. Entretanto, ao longo do tempo a dinastia Xia foi apontada como uma dinastia mística; achados arqueológicos recentes argumentam sua possível veracidade histórica (Wood, 2022, p. 48).

¹³ WOOD, Michael. História da China: o retrato de uma civilização e do seu povo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022, p. 73.

¹⁴ Não existe um consenso histórico acerca da data que encerra o período da Primavera e do Outono. Utilizamos a datação de Qian (1993).



Fonte: Wikimedia Commons, 2010.

Sima Qian (c. 145 – c. 86 a.C), na mais clássica obra da historiografia chinesa, o *Shiji* (hoje conhecido como os Registros do Grande Historiador), relata que Qin surgiu como um pequeno território para criação de cavalos, concedido pelo rei de Zhou à recém-nomeada família Ying (Qian, 1993, p. 22). Inicialmente considerado semi-bárbaro (Qian, 1993, p. 99), com o tempo, o ducado foi recompensado por sua lealdade à Zhou e começou a se expandir. Lewis (2007) destaca a vantajosa posição geográfica de Qin: sem inimigos organizados no oeste e no sul e boas defesas naturais, como montanhas e o Rio Amarelo. No período dos Estados Combatentes, Qin deu um dos seus primeiros passos na sua intenção de conquistar o mundo: o governante Huiwen (338 – 311 a.C) se intitulou Rei de Qin ao invés de Duque¹⁵, acompanhando a tendência dos outros Estados em se separarem ainda mais de Zhou. Extremamente enfraquecido, o rei de Zhou nada podia fazer.

Tabela 01 - Os governantes de Qin no seu apogeu e queda

Título	Outro nome (caso citado)	Governo	Marcos
Duque Xian		384 – 362 a.C.	Revitalização de Qin.
Duque Xiao		361 – 338 a.C	Instaurou o Legalismo no país.

¹⁵ Embora Sima Qian escreva que foi o governante de Wei que se intitulou Rei, a historiografia tradicionalmente assume que essa passagem esteja incorreta e, ao invés disso, tenha sido Huiwen que se intitulou Rei (Qian, 1993, p. 278), pois, até então, todos os governantes anteriores de Qin eram conhecidos como Duque.

Rei Huiwen		338 – 311 a.C	Primeiro governante de Qin a se intitular Rei ao invés de Duque, continuação do Legalismo e da política expansionista.
Rei Wu		310 – 307 a.C	Filho mais velho de Huiwen, continuou as políticas do pai durante o seu curto reinado.
Rei Zhaoxiang		307 – 251 a.C	Filho mais novo de Huiwen, expansão cada vez maior de Qin.
Rei Xiaowen	Lorde Anguo	250 a.C	Filho de Zhaoxiang, seu reinado durou poucos meses.
Rei Zhuangxiang	Zichu	250 – 247 a.C	Filho de Xiaowen, continuação das políticas expansionistas.
Rei Zheng/Qin Shi Huang	Ying Zheng	247 – 221 a.C (como Rei de Qin), 221 – 210 a.C (como Imperador da dinastia Qin)	Conquista dos Seis Estados até, como Imperador, unificar a China, proclamar a primeira dinastia imperial e ordenar grandes obras.
Qin Er Shi	Ying Huhai	210 – 207 a.C.	Queda de Qin como uma dinastia imperial e começo da guerra civil.
Rei Ziyi		207 a.C.	Queda total de Qin como até mesmo um reino. Período de guerra civil total.

Fonte: autoria própria a partir de Qian (1993), 2025.

No século III a.C, Qin estava passando por uma transformação em suas leis que mudou toda a face de Qin e, embora palco de polêmicas, foi uma das grandes responsáveis pela monstruosa organização na unificação chinesa. O grande responsável? Shang Yang com sua escola de pensamento legalista, uma das muitas que floresciam em meio ao período conhecido como as Cem Escolas de Pensamento (Pines, 2017, p. 15). Assim descreve J. J. L. Duyvendak (1928) sobre o legalismo e seu impacto na história chinesa:

O nome de Shang Yang está conectado com a fenomenal ascensão do Estado de Qin. Em pouco mais de um século, aquele Estado, de um insignificante e retrógrado país¹⁶ nas longínquas fronteiras ocidentais da China, onde, separado do jeito que era, por uma cadeia de montanhas, pouco fazia parte da vida da civilização chinesa, cresceu para uma posição imponente, que engoliu os vários Estados feudais e pôs um fim à existência da dinastia Zhou, que estava titubeante por um logo tempo. A dinastia Qin, que tinha acabado de ser fundada, embora tenha sido curta, fez um profundo e duradouro marco na história chinesa. Seu primeiro Imperador, Qin Shi Huang, era uma personalidade poderosa, que fez uma limpeza dura das instituições do passado. Com ele a história da antiguidade chinesa fecha e uma nova era se inicia. (Duyvendak, 1928, p. 9, tradução nossa)

O legalismo era um sistema duro de punições e recompensas, e no papel nem mesmo a elite estava isenta. O próprio rei Huiwen, que citamos agora há pouco, ainda um jovem príncipe, cometeu um delito e, segundo as leis há pouco redigidas por Shang Yang, até mesmo um príncipe não estaria isento de punições; todavia, por ser um herdeiro ao trono, a punição recaiu sob seus tutores, ambos também nobres, um desses tutores chegou a ser tatuado no rosto e, após outro delito, teve seu nariz cortado. Esse incidente nunca foi esquecido por Huiwen, cuja primeira ação ao subir ao trono foi capturar e executar Shang Yang de forma brutal. Ironicamente, a captura de Shang Yang foi resultado de suas próprias leis impiedosas. Mesmo assim, o código penal legalista seguiu forte em Qin e sua essência perdurou mesmo após a sua queda como dinastia imperial.

O legalismo também foi responsável por uma “administração uniforme baseada no serviço militar” (Lewis, 2007, p. 45, tradução nossa) obrigatório, tamanha era a sua importância que até mesmo príncipes dependiam do seu desempenho militar para seus nomes ficarem registrados na família. Os avanços tecnológicos militares desse período casaram perfeitamente com a militarização empreendida por Qin, cujas habilidades militares já eram exercidas contra o povo semi-Han Yiqu (Clements, 2019, p. 62). Mesmo com o foco em guerras, Shang Yang prezava por uma sociedade em que a agricultura seria a fonte de toda a riqueza e o Estado seria formado por “pequenos agricultores guiados por um detalhado código de leis” (Lewis, 2007, p.

¹⁶ Qin teve momentos de apogeu e declínio. Clements (2019) e Pines (2017) destacam que Qin teve um período de grande influência política sob o governo do duque Mu — cuja morte foi tão impactante que inspirou uma música no Livro de Odes —, todavia, os próximos governantes foram incapazes de manter a alta posição política de Qin. Foi somente a partir do duque Xian (384 - 362 a.C), avô de Huiwen, que Qin ressurgiu das cinzas.

46, tradução nossa). Pines (2017) reflete sobre o impacto que, seja nobre ou camponês, o povo de Qin sentiu:

O sistema de *rankings* por mérito teve consequências sócio-políticas de longo alcance. Primeiro, quebrou o monopólio da aristocracia hereditária no poder e efetivamente aboliu esse estrato, ou pelo menos radicalmente o enfraqueceu. Segundo, empoderou o Estado, que consequentemente ganhou um controle sem precedentes sobre a determinação da posição social (e, até certo ponto, econômica) e, *mutatis mutandis*, sobre a vida social em geral. (Pines, 2017, p. 31, tradução nossa)

Com o lema de um Estado rico e um exército forte (Pines, 2017, p. 78), o legalismo de Shang Yang auxiliou as ambições dos governantes Qin a partir de Huiwen. Eles pretendiam não só conquistar os outros Seis Estados¹⁷, mas sim unificar o que eles conheciam como o mundo civilizado. Tal ambição era idealizada por outros reis e filósofos, que logo compreenderam que o período dos Estados Combatentes, com suas inúmeras guerras e instabilidade política, não era sustentável (Feng, 2013). Após séculos e inúmeras batalhas, Qin Shi Huang finalmente realizou o sonho de seus antepassados. A unificação foi realmente completa: moeda, escrita, medidas, e até mesmo o eixo das rodas das carruagens foram padronizados.

Mesmo com a importância do legalismo e seu papel fundamental na expansão de Qin, a sociedade dos Estados Combatentes e, mais tarde, do império Qin era eclética em suas visões do mundo, misturando até mesmo escolas contraditórias como legalismo, confucionismo e taoísmo (Hinsch, 2011, p. 32). O primeiro império chinês não durou muito, entretanto, por uma série de razões, das quais se destacam a ineptidão de Qin Er Shi¹⁸ quando comparado ao seu antecessor, sendo uma marionete política cujos fios eram puxados por um dos “eunucos” mais infames da história chinesa, Zhao Gao¹⁹, e revoltas incessantes dos Estados conquistados. A dinastia Qin oficialmente caiu em 206 a.C. e, das suas cinzas, surgiu em 202 a.C. a dinastia Han, novamente unificando a China nas mãos de um Imperador. O sistema imperial fundado por Qin Shi Huang permaneceria em pé pelos próximos dois milênios em meio a uma larga expansão para além de suas fronteiras, mas o coração da civilização chinesa permanece até hoje como um dos grandes centros do país.

¹⁷ Ao longo do tempo, alguns Estados surgiram e desapareceram em questão de poucas gerações. Além de Qin, os seis maiores Estados desse período eram os supracitados: Han, Zhao, Yan, Wei, Chu e Qi.

¹⁸ Qin Er Shi (秦二世) significa Segundo Imperador de Qin, seguindo a intenção de Qin Shi Huang. Seu nome é Ying Huhai e é geralmente descrito como um dos filhos mais novos de Qin Shi Huang (Qian, 1993).

¹⁹ Tradicionalmente tido como um eunuco, trabalhos modernos como Pines (2023), Barbieri-Low (2022) e Loewe (2005) debatem se Zhao Gao realmente o era ou não, pois a terminologia a que hoje conhecemos como “eunuco” correspondia a atendentes pessoais do rei na época, não necessariamente eunucos. Todavia, para fins dessa pesquisa o foco é a forma como Zhao Gao, na imagem clássica de um eunuco ambicioso, participa da representação de Qin.

Embora Qin seja a dinastia imperial mais curta da história chinesa, seu impacto é inegável. Hinsch (2011) o resume:

Anteriormente à dinastia Qin, a divisão da região Chinesa entre Estados competidores era considerada a norma. Doravante a China seria pensada como um único Estado. Embora a associação próxima do legalismo com as leis draconianas de Qin oficialmente desgraçaram a escola de pensamento nos olhos da elite chinesa, a burocracia de qualquer forma virou o sistema padrão do governo. E subsequentes governantes continuaram usando o termo audacioso de Qin “Imperador” como o seu título. **A partir desse período, a China era vista como um Estado unificado para ser governado por um Imperador através de uma burocracia.** Seja o território chinês, a dominante ideologia política ou o modo de governar — **todos seguiram as convenções básicas Qin pelos próximos dois milênios.** (Hinsch, 2011, p. 33, tradução nossa, grifos nossos)

1.2 As políticas do palácio interior: as mulheres e os eunucos

O governante acorda de manhã cedo para a corte, onde diariamente trata de assuntos de Estado com suas dezenas de ministros. Além de vários criados segurando tábuas com cada peça de roupa, duas pessoas se aproximam para ajudá-lo a se vestir: uma, com mãos delicadas e adornadas por anéis, o ajuda a vestir a roupa preta, característica de Qin, para a corte; enquanto a outra, com voz estridente e mãos calejadas, organiza seu cabelo em um coque estreito no topo da sua cabeça, colocando, por fim, um imponente grampo de cabelo contendo miçangas. Quando o dragão se retira para a corte, essas duas pessoas partem para as suas outras obrigações, pois, embora seus deveres se resumem a estar totalmente à disposição do Filho dos Céus, elas não possuem lugar de fala num lugar que decide o destino do país. Afinal, como uma mulher e um eunuco poderiam participar da política dos homens?

Deixemos os eunucos de lado por enquanto para imaginar a mulher na China Antiga, onde o papel do homem e da mulher mudavam a cada dinâmica. Ao mesmo tempo que uma filha solteira teria de obedecer os seus pais para cumprir sua piedade filial, após seu casamento seus sogros deveriam virar sua prioridade ao mesmo tempo que precisava seguir as ordens do seu marido. Mas, como mãe, a mulher não era submissa, pois, seja homem ou mulher, o filho tem a obrigação de cumprir suas obrigações com seus progenitores. Em resumo, a “autoridade da idade geralmente tinha prioridade à autoridade de gênero, e a obediência filial para ambos os pais era a maior obrigação de um filho” (Lewis, 2007, p. 169, tradução nossa). Esse é o sistema patrilinear em que membros de várias gerações de uma mesma família devem viver juntos e respeitar os mais velhos, sempre preferindo o bem familiar ao bem individual. Assim Hinsch (2011) relaciona o sistema patrilinear com os variados papéis da mulher:

[O sistema patrilinear] estabeleceu uma série de hierarquias rigorosas, mas nem todas elas eram baseadas em gênero. Na verdade, valores patrilineares não eram simplesmente instrumentos de opressão, pois eles também proporcionavam às

mulheres alguns privilégios muito importantes. As mães, em particular, deveriam ser objeto de profundo respeito e devoção, em observância à piedade filial. O filho devoto que se sacrificava para o bem de sua mãe era celebrado na arte e literatura patrilinear. (Hinsch, 2011, p. 25, tradução nossa)

Como esses papéis femininos se relacionavam com os assuntos de Estado é algo que entra diretamente no nosso foco. Os ricos e poderosos na China sempre foram poligâmicos. A partir do período dos Estados Combatentes, a prática de se ter somente uma esposa legítima e várias concubinas já estava consolidada. Sua presença denotava não só o poder econômico, como também virilidade e fertilidade (McMahon, 2013). Por isso, reservavam-se partes do complexo palaciano para somente as mulheres do governante viverem; é o que hoje chamamos de harém, uma palavra emprestada do árabe para os locais em que as consortes viviam, mas a quem também podemos nos referir pelo termo chinês: palácio interior²⁰ (McMahon, 2013, p. 30).

Qin tinha oito posições no seu harém (Hinsch, 2011, p. 118). Existia uma rainha²¹ e, a partir do império Qin, uma imperatriz²², abaixo dela, várias posições distribuídas entre as concubinas. Com certeza, cada uma das mulheres de inúmeros haréns devem ter batalhado para chegar em suas devidas posições; eventualmente, uma consorte poderia subir tanto nas posições que poderia virar rainha. Sua flutuação pelas posições e seu prestígio no harém e na corte eram sujeitos à especialmente três pontos: o favor do governante (se ele gostava dela e passava noites com ela), filhos (quanto mais filhos homens, melhor, embora filhas fossem melhor do que nada) e a influência de sua família.

No período dos Estados Combatentes, as noivas que chegavam a Qin, sejam esposas legais ou concubinas, geralmente eram nobres ou da realeza de outros Estados a fim de construir alianças. A nobreza dessas mulheres significava que os palácios interiores tinham a maior concentração de mulheres educadas na China, pois, assim, poderiam proporcionar um “bom treinamento para os herdeiros imperiais e iriam ajudar a restringir excessos sexuais ou de outras naturezas no palácio” (McMahon, 2013, p. 30, tradução nossa). Em meio à clara ambição Qin de devorar todos os outros Estados, não seria estranho que as mulheres no palácio se sentissem compelidas a ajudar suas terras-natais da forma que podiam. Hinsch (2011) considera que, na antiguidade chinesa, os laços entre uma mulher e seu clã natal eram mais fortes do que em

²⁰ Tradução direta do mandarim 內宮 (nèigōng). Outro termo popular é 後宮 (hòugōng), que significa os palácios da retaguarda (McMahon, 2013, p. 30).

²¹ 王后 (wánghòu).

²² 皇后 (huánghòu). O título da esposa legal do imperador também adquiriu um tom divino e imponente com a palavra *Huang*.

outras eras. Todavia, a tentativa de auxiliar seu clã natal abertamente esbarrava com uma importante prerrogativa: o harém não deve interferir nos assuntos de Estado.

Se mulheres reinassem, elas seriam consideradas como uma interferência na política. Elas eram um sinal de fraqueza e declínio masculino. Os céus a abominavam porque um governo por mulheres não era natural. A obrigação da mulher era nunca se preocupar com nada exceto pelos assuntos domésticos da família imperial. A preferência era por mulheres quietas e solidárias, especialmente imperatrizes, que mantivessem a harmonia entre as mulheres do palácio e ajudassem a impedir os ciúmes. Apesar de todas essas visões, a regra contra um governo feminino não era reforçada, e mulheres estavam longes de serem sem voz e sem poder. Sua simples presença no palácio e o fato que elas davam à luz aos futuros herdeiros faziam seus envolvimento em decisões políticas inevitáveis, especialmente na seleção de um herdeiro aparente. (McMahon, 2013, p. 32, tradução nossa)

As mulheres no harém, então, deveriam fingir não se importar com os assuntos da corte, embora estivessem inevitavelmente imersas neles. McMahon (2013) resume que existiam dois lados opostos na família real: o lado dos parentes masculinos do governante e o lado das concubinas e suas respectivas famílias. Hinsch (2011) destaca que os papéis tradicionalmente femininos, apoiados por uma família poderosa, alcançaram “fantásticos novos potenciais” (Hinsch, 2011, p. 111, tradução nossa). Um desses potenciais foi visto em Qin, com uma das tataravós de Qin Shi Huang, inicialmente uma princesa de Chu: a rainha viúva Xuan, geralmente considerada a primeira rainha viúva regente na história chinesa. Mesmo após deixar de ser regente de seu filho com o rei Huiwen, ela manteve uma grande influência na corte de Qin por décadas (McMahon, 2013, p. 32).

O palácio interior era, portanto, um atrativo para mulheres ambiciosas deterem poder por vezes imensurável. É assim que Hinsch (2011) descreve o harém:

O palácio virou o campo de batalha virtual das mulheres competindo entre si por favor e poder. Concubinas rivais usavam uma variedade de armas. Calúnia, intrigas elaboradas e magia completavam seus arsenais. A mulher que possuísse boas conexões, altas aspirações e pouca sensibilidade moral poderia ocasionalmente virar uma *éminence grise* ao utilizar a tática indelicada (mas altamente eficaz) de massacrar qualquer rival em potencial. (Hinsch, 2011, p. 112, tradução nossa)

No harém de *The King's Woman*, veremos concubinas de diferentes origens familiares e com variadas motivações. Em meio às inúmeras batalhas que elas travam entre si, querendo ou não, se esquivar de políticas é a única coisa que elas *não* fazem.

Voltemos agora ao funcionamento do harém. Somente o governante poderia circular livremente no palácio interior, pois era lá onde suas mulheres viviam. A entrada de qualquer outro homem sem a devida permissão poderia macular a legitimidade dos herdeiros reais e pôr em dúvida a fidelidade das concubinas, que eram servidas por fiéis criadas. Assim, quem poderia realizar os trabalhos braçais dentro do harém e resguardar a segurança das concubinas? É aqui que se fazem necessários os eunucos, homens emasculados que serviam todo o palácio.

McMahon (2013) aponta que se tem indícios da existência de eunucos desde o século 7 a.C. Os motivos que levariam um homem a ser castrado eram vários, como punição por algum tipo de crime, a necessidade de algum dinheiro ou de saciar sua fome. Eunucos não eram de forma alguma bem vistos, Bi e Xiao (2009) destacam que o caractere chinês para homem castrado significa “punição do palácio”. Por perderem sua virilidade, eles também perderam qualidades masculinas e viraram, na mente dos chineses da época, criaturas andróginas de certa forma²³.

Embora sua presença, assim como a das concubinas, mostre que o seu senhor tinha dinheiro e uma alta posição na sociedade (McMahon, 2013, p. 29), já na época de Confúcio, eles eram vistos de forma negativa, sendo frequentemente usados como bode expiatório para os erros do seu governante. Os nomes dos eunucos que ficaram na história não contribuem para a redenção de suas imagens, quase todos que conhecemos detinham grande poder — por vezes até mais do que o seu próprio soberano, como a representação de Zhao Gao ao longo da tradição historiográfica, a quem voltaremos a tratar sobre. Uma das grandes exceções é o clássico historiador Sima Qian da dinastia Han, cujo nome é frequentemente citado pela sua importante obra historiográfica. Mesmo sendo castrado e, portanto, terrivelmente humilhado como punição por seu delito, Sima Qian decidiu não se suicidar²⁴ para que continuasse o trabalho historiográfico do seu pai (Qian, 1993, p. 9).

Todavia, para além dos vilanescos e notórios eunucos, seu papel no dia a dia do palácio era vital para o seu funcionamento até mesmo durante o período dos Estados Combatentes e na dinastia Qin, em que o aparato palaciano ainda não era tão integrado ao papel dos eunucos (Bi; Xiao, 2009). Eles serviam como babás para príncipes, servos pessoais do rei e das mulheres do palácio anterior. Hinsch (2011) aponta como eles compartilhavam a influência de suas senhoras. Já Lewis (2007) realça como, embora concubinas e eunucos não tivessem um poder formal, a proximidade deles ao rei e, mais tarde, ao imperador, era um poder por si só que muitos oficiais desejavam.

McMahon (2013) chega a exemplificar o poder prático deles. Os eunucos que serviam diretamente ao governante poderiam se aliar a ministros e concubinas e ajudá-los de várias formas, como elogiar seu aliado no ouvido do seu senhor ou oferecer conselhos valiosos sobre os pensamentos do rei, pois poucas pessoas teriam a proximidade necessária para tanto.

²³ Se castrado ainda criança, eunucos poderiam não desenvolver barba ou voz grossa, contribuindo ainda mais para essa visão andrógina (Bi; Xiao, 2009).

²⁴ Era esperado que um homem de sua posição preferiria se matar a sofrer tal punição (Man, 2007, p. 24).

A partir dos estudos expostos acerca da temática, podemos exemplificar o poder das alianças entre concubinas e eunucos. Imagine, por exemplo, a vida de uma concubina com uma baixa posição: sua família está longe, ela foi esquecida pelo seu marido e não possui nenhum filho para ajudá-la a ter uma vida melhor. Até que ela se alia a um eunuco que serve próximo ao rei; quando o seu senhor está livre dos assuntos de Estado, ele comenta como a concubina sente a sua falta; o eunuco sabe quais os lugares mais vazios do jardim do palácio que o rei costuma frequentar e sabe, também, quais concubinas ele mais aprecia, para que a sua aliada encontre o seu marido onde outras concubinas não possam interromper e para que ela não entre numa rixa contra as mulheres favorecidas. Tais alianças traziam benefícios mútuos para os principais jogadores do harém. Para o eunuco, seu poder estaria ligado à outra pessoa além do rei e quaisquer eventuais punições poderiam ser influenciadas por palavras de benevolência da sua aliada. No cenário dos Estados Combatentes, se a concubina e o eunuco fossem conterrâneos, a aliança também serviria para apoiar seu Estado natal e impedir possíveis ataques.

À luz do que foi exposto, é possível compreender um pouco mais sobre as políticas do palácio interior. Embora o favor do governante mudasse vidas, por vezes ele era somente um rei numa mesa de xadrez e quem realmente controlava o jogo eram a esposa legal, as concubinas e os eunucos, utilizando os vários peões do seu arsenal para, enfim, dar o xeque-mate contra seus oponentes e permanecer na posição mais elevada possível com unhas e dentes. Até que novos jogadores entrem em cena e uma nova partida se inicie. Essa luta constante é exemplificada em *The King's Woman* através das concubinas Gongsun Li, Madame Chu e Madame Min e do “eunuco” Zhao Gao.

1.3 O dragão negro: Ying Zheng

Ying Zheng, o futuro Qin Shi Huang, é indubitavelmente uma das figuras mais infames da história chinesa, embora sua importância nunca possa ser diminuída. Foi ele que, após séculos de tentativas de seus antecessores, enfim conquistou todos os Estados Combatentes e firmou as bases para o império chinês por dois milênios. Sem a mão firme de Qin Shi Huang, Qin colapsou poucos anos depois, pois era necessário um soberano forte para manter o império recém-estabelecido. Assim resume Man (2007) a representação tradicional de Qin Shi Huang:

Quase desde o seu próprio tempo, o Primeiro Imperador foi visto como um ‘tirano brutal, que desumanamente forçou centenas de milhares de pessoas ao trabalho forçado para cumprir suas grandiosas ambições’. Faz parte da tradição histórica que ele queimou livros, destruiu os registros de seus antecessores e enterrou vivos

acadêmicos por se oporem a ele. **Sua crueldade é um fato incontestável pelos últimos dois milênios.** (Man, 2007, p. 17, tradução nossa, grifos nossos)

Antes de tratarmos do seu curto Mandato dos Céus, todavia, precisamos voltar algumas décadas no tempo. O filho do rei Huiwen e da rainha viúva Xuan, o rei Zhaoxiang, reinou por mais de cinquenta anos e foi responsável pela influência cada vez maior de Qin no cenário dos Estados Combatentes. Seu herdeiro já estava certo: o futuro rei Xiaowen, embora ele seja mais conhecido pelo seu título anterior, lorde Anguo. É aqui que a história de Ying Zheng vai sendo traçada antes do seu nascimento.

Como era próprio para um homem de sua posição, lorde Anguo tinha várias concubinas e vinte filhos (Qian, 1993, p. 172), incluindo Zichu. Nesse período, não era incomum que príncipes, especialmente filhos de concubinas, fossem enviados a outros Estados para servir como reféns políticos. Como um príncipe de pouca expressão, Zichu foi para o Estado de Zhao. Sua situação na capital Handan não era boa:

Qin havia invadido Zhao várias vezes, conseqüentemente a corte de Zhao tratou Zichu com pouco respeito. Sendo o mero neto de um rei e o filho de uma concubina, e enviado como um refém para um dos Estados feudais, Zichu dispunha de poucas carruagens e outros equipamentos, vivendo de forma precária e sem poder fazer o que desejasse. (Qian, 1993, p. 172, tradução nossa)

Foi lá que ele conheceu Lu Buwei, um comerciante rico do Estado de Wey²⁵. Na China Antiga, comerciantes não eram vistos com bons olhos (Lewis, 2007) e Lu Buwei ansiava por muito mais do que simples riqueza: ele queria poder. Para a sua fortuna, esse era o período certo para pessoas comuns ascenderem socialmente, Pines (2008) considera o período dos Estados Combatentes como um dos mais frutíferos para a mobilidade social na história chinesa pré-Revolução Comunista.

Naquele momento, o rei Zhaoxiang já estava em idade avançada e era questão de tempo até lorde Anguo se tornar rei, mas ele ainda não tinha um príncipe herdeiro em mente. Um dos motivos para tal era que a sua amada esposa legal, a quem mais tarde conheceremos melhor como a rainha viúva Huayang, não tinha nenhum filho. Em contrapartida, ele tinha vários príncipes para escolher, mas nenhum deles parecia ser proeminente o suficiente. Dessa forma, até mesmo um príncipe esquecido como Zichu poderia subir ao trono. Lu Buwei decidiu agarrar a oportunidade: ficou amigo de Zichu, essencialmente o sustentando com luxos e o auxiliou a subir à posição de príncipe herdeiro após convencer Huayang que o príncipe refém seria a melhor escolha para um futuro rei.

²⁵ Wey (衛) não deve ser confundido com Wei (魏). Wey era um dos Estados menores cuja soberania estava em frangalhos à altura do Período dos Estados Combatentes. Já Wei era um Estado maior que fez parte da aliança dos Seis Estados contra Qin (Qian, 1993, p. 275).

É a partir daqui que a narrativa de Sima Qian começa a ficar controversa. Conhecemos um pouco sobre a infância de Ying Zheng a partir dos anais sobre si e na biografia de Lu Buwei. Nos Anais Básicos do Primeiro Imperador de Qin, só é constatado que ele é filho do rei Zhuangxiang de Qin (o título posterior de Zichu) com uma ex-concubina de Lu Buwei, que concebeu o filho de Zichu: Ying Zheng. Já na biografia de Lu Buwei, é dito que o comerciante sabia que sua concubina, Zhao Ji, estava grávida e, relutantemente, acatou o pedido de Zichu e a deu a ele. Zhao Ji escondeu sua gravidez a princípio até dar à luz a Ying Zheng e afirmar que o filho era de Zichu.

Essa possível ilegitimidade do futuro Qin Shi Huang é palco de polêmicas até hoje²⁶, pois essas passagens no *Shiji* podem ser utilizadas para desacreditar o reinado de Ying Zheng. De qualquer forma, Zichu reconheceu-o como filho legítimo, mesmo que Zhao Ji tenha sido a concubina de Lu Buwei. Durante sua infância em Zhao, Ying Zheng passou anos longe do seu pai e da sua outra figura paterna, pois Zichu e Lu Buwei fugiram de Handan em meio a uma emboscada armada pelo Estado de Zhao. Zhao Ji e seu filho, para não serem capturados e mortos, conseguiram um asilo desconhecido graças a sua origem nobre (Lewis, 2007, p. 61).

Seis anos depois, Ying Zheng viajou à Qin pela primeira vez, dessa vez como o futuro príncipe herdeiro. Seu tataravô tinha falecido e seu avô estava no trono. Mas o reino do antigo lorde Anguo foi extremamente curto, morrendo três dias depois de sua coroação; Zichu subiu ao trono e Lu Buwei foi recompensado com a posição de chanceler pelo seu auxílio ao novo rei. Todavia, o reinado de Zichu também foi breve, em três anos quem reinava Qin agora era uma mera criança: Ying Zheng.

Nesse momento Lu Buwei estava no ápice do seu poder, afinal, Ying Zheng só assumiria as decisões do trono uma década depois, com vinte e dois anos. Mas os últimos anos de Lu Buwei como regente não foram pacíficos: no nono ano do reinado, o meio-irmão mais novo de Ying Zheng, príncipe Cheng Jiao, se rebelou e foi eventualmente morto. Mais preocupante, todavia, era o surgimento do escândalo de Zhao Ji, agora a rainha viúva, com seu amante, Lao Ai.

Sima Qian nos conta que Lu Buwei, temendo que seu caso com Zhao Ji fosse descoberto — não sabemos se eles chegaram sequer a terminar —, a apresentou a Lao Ai. Após uma dança sedutora e bizarra, Zhao Ji o aceitou como amante e, para ficar livre de suspeitas, raspou sua barba e sobrancelhas, além de afirmar que ele tinha cometido um crime para que as pessoas acreditassem que ele era um eunuco. Deste caso duas crianças nasceram (Qian, 1993, p. 176).

²⁶ A introdução do tradutor em Qian (1993) e Lewis (2007) discutem brevemente o assunto.

Posteriormente ele recebeu o título de marquês de Changxin, algo que já evidenciava que as coisas não eram o que pareciam no palácio da rainha viúva, pois eunucos não poderiam ser nobres (Clements, 2006, p. 77).

Novamente a legitimidade desse particular capítulo do *Shiji* é colocada em questão, Lewis (2007) e Man (2007) sugerem que ele não foi escrito por Sima Qian e sim por alguém com a intenção de deslegitimar a dinastia Qin. Três argumentos são fortes: o primeiro é que Sima Qian, também castrado já adulto, saberia que barba e sobrancelhas raspadas não seriam um indício certo que um homem era eunuco e essa passagem seria, portanto, desnecessária; o segundo argumento é que, nos Anais do Primeiro Imperador de Qin, o caso de Zhao Ji e o status de Lao Ai como eunuco nunca são citados, essas histórias só aparecem na biografia de Lu Buwei. Por fim, o título nobre de Lao Ai também traz suspeitas acerca da veracidade de sua castração. Goldin (2002) aponta, ainda, que o nome “Lao Ai” significa literalmente “transgressão carnal”.

Em todo caso, Lao Ai tentou se rebelar e foi brutalmente executado como retaliação, assim como os seus apoiadores. Lu Buwei teve sua posição comprometida graças a sua associação com Lao Ai e foi demitido como chanceler, morrendo poucos anos depois. Zhao Ji também foi afetada e ficou afastada da corte por um tempo²⁷, seus filhos escandalosos executados. A esse ponto Ying Zheng já tinha passado por sua cerimônia de maioridade e tinha total controle da corte. Novos nomes começaram a ter uma proeminência cada vez maior, incluindo Li Si de corrente legalista (Clements, 2006) e o “eunuco” Zhao Gao.

Ambos eram estrangeiros em Qin²⁸ e assistiram a conquista do mundo civilizado chinês nas mãos do agora intitulado Qin Shi Huang. Para além da unificação, ele também empreendeu obras gigantescas, como a Grande Muralha da China²⁹ para dividir o império dos seus vizinhos bárbaros (Lewis, 2007), e sua tumba, cuja primeira linha de defesa é o magnífico Exército de Terracota, onde cada estátua em tamanho real possui uma feição diferente. De forma negativa, Ying Zheng também foi responsável pelo que ficou conhecido a partir de Han como a Queima dos Livros, instigado por Li Si:

Remoção de todas as cópias do Cânone das Odes (*Shi jing*), Cânone dos Documentos (*Shang shu*) e todos os textos de tradição filosófica de mãos privadas, para serem guardados na biblioteca imperial e só serem disponibilizados para estudo dos acadêmicos do governo. Livros de natureza utilitária como medicina, divinação, agricultura e silvicultura não foram confiscados. Persuadido que um império unificado

²⁷ Mesmo em um Estado legalista, a piedade filial não deixou de ser importante. Para não ser visto como não filial, Ying Zheng eventualmente autorizou o retorno da mãe ao palácio (Qian, 1993, p. 53).

²⁸ Qin tinha uma tradição de séculos de acolher ministros estrangeiros (Pines, 2017, p. 20).

²⁹ Partes da Muralha já existiam, deixadas pelos Estados agora derrotados. O que Qin Shi Huang fez foi repará-las e juntá-las em uma muralha coesa, o que não tira seu êxito (Man, 2008, p. 78). A Grande Muralha na extensão que conhecemos hoje foi finalizada quase dois milênios depois, na dinastia Ming.

precisava de uma doutrina unificada, o governo de Qin tentou controlar ideologias políticas ao controlar o acesso à textos escritos, mas não houve uma destruição sistemática deles. O dano foi feito em 206 a.C, quando Xiang Yu³⁰ saqueou a capital de Qin e queimou a biblioteca imperial. (Lewis, 2007, p. 67, tradução nossa)

Mesmo após virar o Filho dos Céus e obter um mérito jamais conquistado, os medos de Ying Zheng eram muito humanos. Afinal, ele já tinha sido vítima de várias tentativas de assassinato que realmente ameaçaram ceifar sua vida, sendo uma das mais marcantes a empreendida por Jing Ke, a quem iremos comparar com a representada em *The King's Woman* mais tarde. Em meio à essa crescente paranoia, seus palácios pela capital começaram a ser ligados uns aos outros por túneis secretos, permitindo que ele pudesse se deslocar sem ser visto e aparecer de maneira inesperada em qualquer lugar (Clements, 2006). Temendo sua própria imortalidade, ele buscou métodos cada vez menos ortodoxos para alcançar a vida eterna, nessa vida e na próxima (Man, 2008); mesmo assim, ele morreu aos 49 anos, uma idade relativamente precoce quando comparada a alguns dos seus ancestrais.

É aqui que os nomes de Li Si e Zhao Gao ficaram ainda mais marcados na história. Li Si vinha de Chu e, ambicioso, viu que Qin detinha as melhores oportunidades para um intelectual. Ao se despedir do seu mestre, ele disse: “o rei de Qin quer engolir o mundo, se denominar imperador e reinar. Esse é o momento para pessoas comuns como eu, a estação de colheita para aqueles que têm ideias a expor” (Qian, 1993, p. 191, tradução nossa). Li Si iniciou seu serviço à Qin ao lado de Lu Buwei e, eventualmente, teve seus esforços reconhecidos por Ying Zheng até se tornar o chanceler.

O aliado de Li Si no palácio era Zhao Gao, uma figura familiar ao lado de Ying Zheng. Na historiografia moderna, existem debates se Zhao Gao era um eunuco ou não, como demonstrado por Pines (2023), Barbieri-Low (2022) e Loewe (2005), pois a terminologia usada por Sima Qian a que hoje conhecemos como “eunuco” correspondia a atendentes pessoais do rei na época, não necessariamente eunucos. Todavia, para fins dessa pesquisa o foco é a forma como Zhao Gao, na imagem clássica de um eunuco ambicioso, participa da representação de Qin, ademais, em *The King's Woman*, sua posição como um eunuco próximo ao rei é parte importante do enredo; dessa forma, mesmo em meio ao debate, essa pesquisa o tratará como um homem emasculado com as devidas aspas. Ao invés de dedicar um capítulo só para o “eunuco”, Sima Qian o relegou para a biografia de Li Si:

Ele tinha vários irmãos mais novos, todos nascidos na prisão, sua mãe sendo condenada para uma punição. Sua família tinha sido, por gerações, de posição baixa e modesta. O Primeiro Imperador, tendo escutado que Zhao Gao era diligente e bem versado em assuntos legais, o apontou como chefe do departamento de carruagens do

³⁰ Um homem de Chu que se rebelou contra Qin e se auto-intituiu rei de Chu Ocidental durante a guerra civil que sucedeu a queda de Qin. Em meio ao caos do período, Xiang Yu foi eventualmente derrotado por Liu Bang, o primeiro imperador da dinastia Han (Wood, 2022).

palácio. (...) Quando Zhao Gao foi acusado de um crime grave, o imperador ordenou que Meng Yi cuidasse do caso de acordo com a lei. Meng Yi, não ousando fazer uma exceção no caso de Zhao Gao, recomendou que ele fosse condenado à morte e removido da lista dos oficiais. Mas porque Zhao Gao era bem conhecedor ao cuidar dos negócios do palácio, o imperador o perdoou e o restaurou à sua posição. (Qian, 1993, p. 220, tradução nossa)

Juntos, Zhao Gao e Li Si forjaram os últimos desejos de Qin Shi Huang e colocaram Huhai no trono ao invés do filho mais velho Fusu³¹, cuja última carta de Qin Shi Huang insinuava que seria o seu sucessor. Com o poder de Qin Er Shi, Zhao Gao eventualmente traiu seu próprio aliado, Li Si, e o levou à morte. O eunuco tomou a antiga posição de Li Si como chanceler. Algo similar aconteceu com Huhai; a influência de Zhao Gao era tamanha que o jovem imperador estava completamente à mercê do eunuco até que, também, foi forçado a cometer suicídio por Zhao Gao. Após a morte de Huhai, Ziying³² subiu ao trono como rei de Qin, não mais como imperador. Foi somente à mando dele que Zhao Gao foi, enfim, assassinado, mas Qin já encarava seu eclipse final. Sua longevidade foi curta, mas o legado, milenar.

Voltemos à pessoa de Qin Shi Huang antes da sua morte, para um aspecto que se relaciona diretamente ao *cdrama* aqui analisado. Como qualquer rei, ele tinha um harém com diversas concubinas e, com elas, cerca de 20 filhos (Qian, 1993, p. 198). O mais velho era Fusu, com quem ele tinha um relacionamento relativamente conturbado, embora no fim de sua vida qualquer argumento tenha sido esquecido para que Fusu cuidasse do seu funeral e, assim se acredita, subisse ao trono. Dos outros príncipes, poucos sabemos sequer o nome.

Diferentemente dos haréns dos seus antepassados, em que temos informações sobre as mulheres mais importantes do palácio interior, Ying Zheng parece ter mantido em relativa discrição as suas mulheres. Não temos basicamente nenhuma informação sobre elas, o mais curioso é que não se tem registro de que ele apontou uma rainha ou, mais tarde, uma imperatriz; em meio à situação tensa da unificação, uma possibilidade era “prevenir quaisquer sinais de favoritismo em relação aos Estados conquistados” (Clements, 2019, p. 77, tradução nossa).

Certamente, não mostrar favoritismo era um fundamento essencial da poligamia, embora raramente fosse posto em prática (McMahon, 2013). Seja por beleza, fertilidade ou outro fator que o atraísse, um homem consequentemente sempre iria favorecer uma mulher a outra, de maneira prática, o ideal era manter esse favoritismo o mais imparcial possível. O favoritismo poderia ser até mesmo uma arma na mão de um governante hábil; nesse período, Ying Zheng poderia ignorar uma concubina cuja terra natal estivesse em uma posição

³¹ Graças ao testamento forjado, Fusu se matou (Qian, 1993, p. 221).

³² Não se sabe o parentesco exato de Ziying à Qin Shi Huang exceto pelo fato dele ser um membro da família reinante de Qin (Qian, 1993, p. 283).

extremamente fraca para favorecer outra mulher de um Estado com uma aliança forte com Qin. Novamente, os assuntos de Estado inevitavelmente permeiam o palácio interior.

Ultimamente, é claro, é impossível saber os motivos de Ying Zheng não ter uma esposa legal que teria a função de administrar o harém. Seria sua concubina preferida de uma posição muito inferior para o trono da fênix³³? Talvez ele tivesse um antigo amor que nunca pôde se casar? Ou ele realmente achava ser melhor não apontar uma única mulher para a posição mais desejada para manter uma imagem de imparcialidade? Esses questionamentos foram a premissa do *cdrama The King's Woman*, embora existam outras obras audiovisuais que explorem essa lacuna no harém (Clements, 2006). Antes de sua análise, todavia, precisamos ir além do seu contexto histórico e tratar da fundamentação teórica-metodológica da nossa pesquisa.

³³ Assim como o dragão é um símbolo do imperador, a fênix (junto à peônia) é um símbolo da imperatriz.

Olhares para a representação: bases historiográficas e teórico-metodológicas

A questão de possíveis trechos modificados no *Shiji* de Sima Qian já foi discutida, todavia, devemos considerar também o impacto dessas narrativas na historiografia posterior. Sima Qian era um historiador do período sucessor à Qin, a dinastia Han (202 a.C. – 9 d.C, 25 – 220 d.C). O seu clássico livro foi uma continuação das aspirações do seu pai, Sima Tan (c. 165 – 110 a.C), de escrever a história completa da civilização chinesa, desde os seus primórdios até os dias atuais; o que faz desse trabalho ainda mais precioso é o fato das suas fontes primárias e algumas das tradições orais acabaram sendo perdidas ao longo do tempo, por isso a forte dependência de historiadores que estudam a história política dos primeiros milênios da história chinesa em Sima Qian. No momento em que é castrado e se dedica à escrita do *Shiji*, a dinastia Han está sob o mandato dos céus do imperador Wu (141 – 87 a.C). Ess (2014) pontua que as ideologias estatais e as obras grandiosas de Wu eram muito similares às empreendidas por Qin Shi Huang. Dessa forma, as críticas de Sima Qian ao autoritarismo de Ying Zheng também eram uma forma de sutilmente criticar o seu próprio soberano³⁴.

Ademais, a dinastia Han, embora tenha dado continuidade aos códigos de lei Qin — de forma mais branda — e mantido o sistema imperial, via a necessidade de se afastar da sombra opressiva de Qin, cuja queda tinha sido tão desastrosa (Pines, 2014). Era necessário, portanto, que os intelectuais imperiais propusessem uma “avaliação balanceada de Qin que permitiria a continuação das bases da política Qin, enquanto realçava os erros que causaram a derrubada de Qin” (Pines, 2014, p. 230, tradução nossa).

Já encaminhando para o final de Han, a visão de Qin se viu cada vez mais deteriorada, sendo “associada principalmente com os delitos e falhas do que com o estabelecimento sucedido do regime imperial” (Pines, 2014, p. 231, tradução nossa). Lewis (2007) destaca que a imagem pública de Qin Shi Huang foi sacrificada nesse ínterim, “os defeitos de Qin foram explicados pela brutalidade e megalomania de seu fundador, (..) [a seguinte história chinesa criou] um monstro do homem que proporcionou o próprio modelo de governo imperial” (Lewis, 2007, p. 85, tradução nossa). A ascensão progressiva do confucionismo entre a elite imperial teve sua importante participação nessa imagem ao relacionar a Queima dos Livros com a opressão contra os adeptos ao confucionismo. Nem todos os acadêmicos concordavam com tais visões, mas, segundo Pines (2014),

Enquanto as visões desses indivíduos se provaram importantes para a missão dos intelectuais modernos de reavaliar o Primeiro Imperador, eles eram uma opinião

³⁴ Ver tradutor de Sima Qian (1993), Pines (2014) e Man (2007) para discussões aprofundadas.

minoritária nos seus tempos. Enquanto Qin continuasse como um emblema de opressão e tirania, e na medida em que seu fundador era retratado como o antípoda de Confúcio, visões negativas da dinastia prevaleceram. Assim, até mesmo o altamente autoritário fundador de Ming, Zhu Yuanzhang, optou por se distanciar de Qin e usá-lo como inequivocamente um exemplo negativo na história ao invés de se inspirar neles. (Pines, 2014, p. 233, tradução nossa)

O legalismo, cujos fundamentos proporcionaram a estrutura necessária para as guerras de unificação, também esteve longe de ser poupado das duras críticas. Assim o intelectual Su Shi (1037 – 1101) da dinastia Song descreve Shang Yang, o fundador do legalismo, e suas propostas:

Falar sobre ele [Shang Yang] contamina a boca e a língua, escrever sobre ele mancha o papel. Quando seus métodos são aplicados no mundo, a ruína do Estado, a miséria do povo, a destruição da família e a perda da própria vida seguem um após o outro. (Duyvendak, 1928, p. 9, tradução nossa)

Assim posto, embora as várias dinastias posteriores tenham se beneficiado do poderoso sistema imperial fundado por Qin Shi Huang, os dois milênios seguintes não se importaram em glorificá-lo. Foi somente com o fim do império chinês no começo do século XX que tais visões começaram a ser postas em amplos debates, todavia, com o cenário politicamente caótico da China desse período, visões opostas eram constantemente interpoladas. Pensadores do período republicano (1912-1949) admiravam a habilidade de Qin Shi Huang de “acabar com um período de turbulência interna e transformar a China em um ‘superpoder’ (...), além de sua preferência pelo presente ao invés do passado” (Pines, 2014, p. 233, tradução nossa). A escola legalista, por milênios vista com desprezo, também foi elogiada por pensadores desse período como Hu Shih.

Pines (2014) descreve a opinião sobre Qin como um pêndulo no século XX. Assim, após um breve momento de visão positiva, Qin e Qin Shi Huang voltaram a ser atacados (Pines, 2014). A feminista e revolucionária Qiu Jin, embora executada antes do estabelecimento do regime republicano, chegou a chamar Ying Zheng de “rei demoníaco da tirania” (Pines, 2008, p. 29, tradução nossa), em meio a um aumento da popularidade do seu quase-assassino, Jing Ke³⁵.

A Revolução Chinesa de 1949 trouxe novas perspectivas para a história de Qin. O seu líder e primeiro presidente da República Popular da China, Mao Zedong, tinha uma relação peculiar com Qin Shi Huang. A declaração abaixo, feita em 1958, demonstra como as qualidades outrora negativas de Ying Zheng adotavam novas interpretações sob Mao:

O Primeiro Imperador — quão grandioso ele realmente era? Ele enterrou somente quatro mil e seiscentos e seis acadêmicos confucionistas. Nós enterramos quarenta e seis mil acadêmicos confucionistas... Vocês, democratas, nos acusam de ser como o Primeiro Imperador. Vocês estão errados. Somos centenas de vezes pior que ele. Para

³⁵ Para uma discussão aprofundada acerca da representação de Jing Ke ao longo dos milênios ler Pines (2008).

a acusação de ser como o Primeiro Imperador, de ser um ditador, nos declaramos culpados. (Man, 2007, p. 208, tradução nossa)

Em um poema, Mao também diz,

Por favor não calunie o Primeiro Imperador, senhor. Pois a queima dos livros deveria ser repensada de novo. Nosso dragão ancestral, embora morto, vive em espírito. Enquanto Confúcio, embora renomado, realmente era bobagem. (Man, 2007, p. 209, tradução nossa)

Em um país em que o “presente ecoa o passado mais intensamente que em outras culturas; política e passado estão entrelaçados” (Man, 2007, p. 15, tradução nossa), Mao Zedong também se apresentava como a força motriz de uma nova era da história chinesa ao se comparar com Qin Shi Huang. Tais referências ao pai do império chinês acabaram trazendo consigo outro importante personagem histórico: Jing Ke, cuja tentativa de assassinato mais de dois milênios atrás o deixava cada vez mais popular após a abolição do império. Todavia, após uma suposta tentativa de assassinato empreendida por Lin Biao contra Mao Zedong, a imagem de Jing Ke foi novamente afetada negativamente.

Após a morte de Mao Zedong, as discussões acerca da imagem de Qin Shi Huang continuam fortes, embora não haja nenhum consenso, seja positivo ou negativo. Assim descreve Pines (2014) acerca da historiografia moderna e a percepção pública de Ying Zheng:

Na atmosfera relaxada das décadas pós-Mao, os debates sobre a imagem do Primeiro Imperador e seu papel histórico foram renovados, e a divergência de opiniões é maior do que nunca. Especialmente em anos recentes, com a internet oferecendo um fórum adicional para a expressão de opiniões individuais, é possível achar uma plétora de avaliações contrastantes: para alguns, ele é o fundador orgulhoso da “nação chinesa”, um líder glorioso, “um em mil”; para outros, um tirano ultrajante, um “líder fascista”, a pessoa responsável por um “Holocausto cultural”. (Pines, 2014, p. 234, tradução nossa)

Dessa forma, ao estudar um *cdrama* como *The King's Woman* é importante ter em mente que a mídia estudada não é “uma cópia do real, (...) mas uma construção feita a partir dele” (Pesavento, 2007, p. 21). Essa representação relaciona-se com Certeau (2011), que julga ser necessário estudar não só os eventos em si, como também as narrativas construídas acerca desses eventos. Cavalcante Neto (2007) também traz os pontos principais da representação para Roger Chartier:

As representações não negam a existência de uma possibilidade de realidade (tal como queriam os acusadores da “crise da História”), mas se coadunam com ela, através de uma rede de signos que se confrontam, ora pela imposição das representações por parte de quem as constrói, ora pelas diversas maneiras pelas quais essas mesmas representações construídas são assimiladas, modificadas ou apropriadas por parte dos diferentes grupos sociais que as recebem. (Cavalcante Neto, 2007, p. 107)

No cerne do audiovisual, a representação também possui lugar de destaque,

As fontes audiovisuais e musicais são, como qualquer outro tipo de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação. Em outras palavras, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis. (Napolitano, 2008, p. 238)

Dessa forma, comparação com fontes históricas como o *Shiji* e análises de cenas específicas, através de uma decupagem em que “escolhas de enquadramentos, falas, músicas, jogos de planos, luz e cores, alguns dizeres são ditos e outros apagados” (Almeida, et al, 2016, p. 149) possuem importantes significados, serão alguns dos métodos utilizados para compreender a representação de Qin em *The King's Woman*. Napolitano (2008) apresenta dois tipos de decodificações vitais para um historiador analisar uma fonte histórica audiovisual:

A primeira decodificação é de **natureza técnico-estética**: quais os mecanismos formais específicos mobilizados pela linguagem cinematográfica, televisual ou musical? A segunda decodificação é de **natureza representacional**: quais os eventos, personagens e processos históricos nela representados? Na prática, essas duas decodificações não são feitas em momentos distintos, mas à medida que analisamos a escritura específica do material audiovisual ou musical, suas formas de representação da realidade vão tomando-se mais nítidas, desvelando os “fatos” social e histórico nela encenados direta ou indiretamente. (Napolitano, 2008, p. 238, grifos nossos)

Ainda utilizando Napolitano (2008, p. 240), nossa abordagem se traduz como a história no cinema (no caso, no *cdrama*). É claro, para além da tradição historiográfica que os *cdramas* carregam (Guo, 2015), também há de se destacar o momento exato em que foi produzido. Ünal e Binark (2024) apontam que o governo de Xi Jinping (2013-presente) é caracterizado por uma ênfase na propaganda através da televisão. Assim,

Podemos considerar os dramas televisivos como ferramentas discursivas do que Xi imagina para o futuro da China. (...) *Cdramas* históricos (...) contém mensagens conservativas e didáticas que se alinham com os ensinamentos do Partido Comunista Chinês. (Ünal; Binark, 2024, p. 183, tradução nossa)

Para além da valorização da história chinesa, tais ensinamentos seriam:

Dedicação à ascensão do país, orgulho na sua ancestral civilização e cultura, e valores éticos confucionistas (respeito aos mais velhos e harmonia familiar, por exemplo) são enfatizados nas diálogos narrativos e imagens visuais dos *cdramas*, sejam eles dramas históricos, dramas sobre carreira ou romances que se desenrolam na metrópole. (Ünal; Binark, 2024, p. 185, tradução nossa)

Mesmo em um *cdrama* como *The King's Woman*, que se passa em um Estado legalista, ainda existe a transmissão dos valores ditos como chineses, o que destacaremos no próximo capítulo. Para além da audiência doméstica, os *cdramas* também atraem telespectadores internacionais, sendo uma forma sutil de *soft power* e transmissão da cultura chinesa. Muitos dos *cdramas* feitos a partir dos meados da década de 2010 estão disponíveis gratuitamente no *Youtube* com legendas em inglês, por vezes também em outras línguas, facilitando assim o seu acesso para audiências de todo o mundo. A popularidade de atores chineses também aumenta o interesse dos telespectadores. Ünal e Binark (2024) chegam até mesmo a citar a atriz principal de *The King's Woman*, Dilraba Dilmurat, como um grande atrativo para os telespectadores das novelas em que participa. Hoje ela é considerada uma das maiores atrizes chinesas de sua geração.

À luz do debate exposto, destacamos que *The King's Woman* é o resultado de uma tradição historiográfica, cuja percepção negativa só começou a ser debatida no último século, e o momento de sua criação, que utiliza os *cdramas* como propaganda para valorização da cultura e ética chinesa. Os produtores do *cdrama* aqui analisado encararam um grande desafio: embora o período representado seja um momento importantíssimo da história chinesa, é também um momento cheio de polêmicas. Além da necessidade de agir cautelosamente na representação de figuras históricas (Guo, 2015), a narrativa não poderia criticar princípios fundamentais (Creemers, 2015) do governo chinês, ao mesmo tempo que propaga as ideias do governo anteriormente citadas.

Afinal, a sociedade almejada pelos chineses possui uma relação direta com a imagem promovida através dos *cdramas*:

Uma sociedade socialista harmônica é definida por Jinghan Zeng (2016) como uma só sob o governo dos Céus, com a unidade nacional e integridade, socialmente serena e economicamente desenvolvida. O Mandato dos Céus também está embrenhado na propaganda do partido. (...) A continuidade da cultura chinesa é vista como um trunfo para uma sociedade socialista e harmoniosa. (Ünal; Binark, 2024, p. 196, tradução nossa)

Como representar Qin e consequentemente Ying Zheng, uma figura histórica tradicionalmente descrita como inescrupulosa e impiedosa, em meio a tantas concessões e narrativas presentes há dois milênios? Esse é o tema do capítulo a seguir.

Os Estados Combatentes dramatizados em *The King's Woman*

The King's Woman é um *cdrama* histórico de romance e *wuxia* de 48 capítulos que foi ao ar entre agosto e outubro de 2017 através do canal privado Zhejiang TV. Os atores Zhang Binbin, Dilraba Dilmurat, Chang Liu e Li Tai estrelam como, respectivamente, Ying Zheng, Gongsun Li, Jing Ke e Han Shen. Caracteriza-se parcialmente como *wuxia*, ou seja, um gênero fílmico e literário chinês com heróis do mundo das artes marciais que seguem um código de honra e fazem acrobacias fisicamente impossíveis, a exemplo dos filmes famosos *O Herói e O Tigre e o Dragão*. Os elementos *wuxia* advém dos três últimos personagens, que treinaram artes marciais sob o mesmo mestre³⁶, Gongsun Yu, o avô de Gongsun Li. Dentre os três, somente Jing Ke é uma figura histórica. Para fins dessa pesquisa, os elementos *wuxia* ficarão à margem da análise.

A tradução literal do título 秦时丽人明月心 é *Bela de Qin, Coração de Lua*; todavia, parte de sua liricidade é perdida devido a tradução, portanto utilizamos o título veiculado entre a audiência internacional, *The King's Woman*. O *cdrama* está disponível no *Youtube* com legendas em mandarim e em inglês, com milhões de visualizações por capítulo.

Para a análise sistemática desse *cdrama* relativamente longo, este capítulo será dividido em três partes. *O paradoxo Ying Zheng: unificador ou carniceiro?* trata da representação complexa do futuro Qin Shi Huang. *Entre espadas e leques: Qin sob os olhos de Gongsun Li* foca nas vivências da protagonista fictícia, que sai do universo das artes marciais para adentrar o palácio de Xianyang como a concubina de Ying Zheng, participando, à força, das políticas do palácio interior e da corte. Já *Cartografia de um regicídio: a tentativa de assassinato por Jing Ke* apresenta o clímax de *The King's Woman*, combinando-o diretamente com os eventos detalhados no *Shiji*. Por fim, *Entre sedas e poder: a narrativa através do figurino* demonstra a forma que a narrativa e o figurino dialogam entre si.

Infelizmente, a análise não pode embarcar algumas nuances intraduzíveis para o português, como apontam Li e Zhao (2016). Tradicionalmente, a língua chinesa possui vários pronomes pessoais e não só o pronome atualmente utilizado de forma universal, 我 (eu); o pronome utilizado dependia da posição social do falante e de quem ele estaria conversando, por exemplo, um rei poderia utilizar um pronome depreciativo ao falar com sua mãe por piedade

³⁶ Em *cdramas wuxia*, é comum que pessoas que treinaram sob o mesmo mestre se chamem de irmãos de artes marciais, baseando-se na senioridade. Por exemplo, Gongsun Li é chamada de irmã mais nova e Han Shen de irmão mais velho. Tal nomenclatura não impede relacionamentos românticos.

filial, mas seu pronome mudaria automaticamente ao conversar com pessoas de posições mais baixas do que ele³⁷. Os diferentes pronomes utilizados no *cdrama* revelam um contexto adicional para falantes da língua chinesa em certas cenas, sejam de proximidade entre personagens ou relações de poder.

3.1 O paradoxo Ying Zheng: unificador ou carniceiro?

A abertura de *The King's Woman* já expõe de maneira irrefutável como Ying Zheng e Qin serão retratados, antes mesmo da história se iniciar. Enquanto Jing Ke, que o tentará matar no futuro e acaba assumindo a identidade de um assassino ao longo da trama, nunca aparece graficamente machucando alguém na abertura³⁸; Ying Zheng, cuja posição permite que ele não suje suas mãos, em contrapartida é várias vezes visto, em meros dois minutos, executando pessoas sem escrúpulos ou assistindo à destruição que causou, sua espada suja de sangue. Cortes de batalha também focam no sangue derramado pelo exército de Qin, facilmente identificado pela cor preta do uniforme, e no caos consequente das guerras que rumam à unificação.

Após tamanha abertura, conhecemos Ying Zheng pela primeira vez de forma bastante relaxada. O ano é 238 a.C.³⁹ e Lu Buwei ainda é o seu regente, mas a cerimônia de maioridade está próxima para que Ying Zheng assuma todo o seu poder como o rei de Qin. Enquanto não tem muitas obrigações, ele está caçando um cervo selvagem por lazer, mas é surpreendido com a notícia de que, mesmo sendo o rei de Qin⁴⁰, quaisquer caças da região deverão ser entregues ao “eunuco” Lao Ai, cujo título era marquês de Changxin graças a sua posição próxima à Zhao Ji, agora a rainha viúva. Com os dentes trincados, Ying Zheng resolve esperar pelo período mais propício de lidar com Lao Ai.

Nas vésperas da cerimônia de maioridade, Ying Zheng resolve eliminar quaisquer possíveis fontes de revolta e centralizar o poder em si. Quando questionado pelo seu meio-

³⁷ Nesse período, reis utilizavam o pronome 寡人 (guǎ rén). Com o estabelecimento do império, Ying Zheng adotou o pronome 朕 (zhèn), usado pelos imperadores das dinastias seguintes, aponta Lee (2019).

³⁸ Curiosamente, boa parte das cenas de luta de Jing Ke na abertura sequer mostram seu rosto, utilizando de *zooms* na sua adaga ou cortes em que não é possível identificá-lo. Um telespectador casual, portanto, teria dificuldades de identificá-lo. É algo que não acontece com as cenas de Ying Zheng.

³⁹ O *cdrama* claramente descreve tais eventos no ano de 241 a.C. Todavia, registros históricos como o *Shiji* apontam o ano de 238 a.C. para a rebelião de Lao Ai. *The King's Woman*, porém, peca com as datas em certas ocasiões e nesse episódio parece dividir os eventos em diferentes anos, pois o segundo capítulo se passa em 238 a.C. Portanto, usamos como ponto de partida o ano de 238 a.C.

⁴⁰ Entre seus súditos, era chamado de grande rei, 大土 (dà wáng). Quando referido como rei de Qin, era 秦土 (Qín wáng).

irmão Cheng Jiao porquê lidar com assuntos do palácio interior⁴¹ se o membro mais poderoso da corte era Lu Buwei e, portanto, um dos seus alvos na missão de centralização do poder, Ying Zheng exemplifica a dependência entre a corte e o harém: como Lu Buwei era aliado de Zhao Ji, qualquer escândalo que recaísse sobre um afetaria o outro. Lao Ai, como o suposto eunuco da rainha viúva, arranjado pelo próprio Lu Buwei, era o seu primeiro alvo. Ao acordar com a cabeça do cervo caçado pelo rei na sua cama, em uma cena inspirada por *O Poderoso Chefão*, Lao Ai entende o recado e resolve se rebelar antes que seja morto pelo enteado.

Durante a cerimônia de maioridade de Ying Zheng, Lao Ai mente para os seus soldados que o rei tinha sido assassinado e seria um rebelde a ser coroado. O golpe, entretanto, não obteve sucesso. Uma caçada humana é lançada contra Lao Ai, parte de seus aliados são brutalmente executados por Ying Zheng, seus filhos pequenos com Zhao Ji — os meio-irmãos de Ying Zheng — mortos e a própria rainha viúva, contrária ao plano de seu amante, é exilada temporariamente para fora da capital. Lu Buwei também não escapa das consequências da traição de Lao Ai. De forma não filial, Ying Zheng faz questão de humilhá-los e ameaçá-los pelos escândalos, após discussões que o confirmam como filho de Lu Buwei ao invés de Zichu. Pouco tempo depois, Lu Buwei é forçado a se demitir como chanceler e, eventualmente, se auto-exilar.

FIGURA 02 — Cena do primeiro episódio e reproduzida também na abertura de *The King's Woman*, onde Ying Zheng executa aliados de Lao Ai.



Fonte: 华录百纳热播剧场, 2017.

A harmonia entre Ying Zheng e Cheng Jiao, seu meio-irmão mais novo que era um de seus grandes apoios dentro do palácio, não duraria. Embora Sima Qian não aponte o motivo para sua rebelião, *The King's Woman* dramatiza uma trama pela rainha viúva Huayang, Lu Buwei, o príncipe herdeiro de Zhao, Zhao Jia, e o “eunuco” Zhao Gao para afastar um aliado tão leal da corte de Xianyang, enquanto o príncipe se prepara atacar Zhao. Para o príncipe

⁴¹ O harém de reis falecidos também tinha certa influência nos assuntos de Estado, especialmente as concubinas que tinham filhos e as rainhas viúvas. Como Lao Ai era um suposto eunuco à serviço da rainha viúva, quaisquer assuntos pequenos relacionados a ele eram de competência do palácio interior.

herdeiro de Zhao e Zhao Gao, incitar uma rebelião partindo de Cheng Jiao era uma oportunidade de afastar os olhos de Qin do seu estado natal. Huayang e Lu Buwei, aliados há décadas, utilizaram tal manobra para que Ying Zheng ficasse mais dependente deles do que de Cheng Jiao. O efeito é o oposto: o rei de Qin fica cada vez mais paranoico com as pessoas ao seu redor. No *cdrama*, Cheng Jiao é exilado e a relação fraternal quebrada causa imensa dor em ambos⁴².

Nas duas rebeliões retratadas, a influência do *Shiji*, incluindo suas possíveis adulterações, é clara. Ying Zheng é retratado como ilegítimo, filho de Lu Buwei e não de Zichu, ademais, sua mãe, Zhao Ji, é representada como uma mulher promíscua, pois, além de mentir sobre a paternidade do filho, ainda teve um caso com outro homem enquanto era viúva, algo que também não era permitido (Goldin, 2002). Em *The King's Woman*, a rebelião de Cheng Jiao parte de um suposto decreto de Zichu o apontando como o próximo rei e expondo a ilegitimidade de Ying Zheng. Dessa forma, a narrativa constrói a famosa personalidade do futuro Qin Shi Huang como um homem que suspeita de todos, não possui escrúpulos — a exemplo da cena em que associados dos aliados de Lao Ai clamam por uma misericórdia que não é concedida — e perdura com a representação clássica dessa emblemática figura histórica.

Em meio às buscas por Lao Ai, Ying Zheng, disfarçado de um mero comerciante de Handan, acaba encontrando Gongsun Li e Jing Ke em Luoyang. O avô de Gongsun Li e o estado de Wey, sua terra natal, tinham sido brutalmente derrotados por Qin como um presente de maioria para Ying Zheng, então eles o alertam contra comercializar em Qin e criticam sua política expansionista. Após Gongsun Li se machucar para salvar Ying Zheng de um ataque, ele a reconhece como a menina que o salvou em Zhao, junto a Jing Ke, quando ainda eram crianças. Naquele momento, ele prometeu que se tornaria um homem temido por todos para proteger seus entes queridos. De volta ao presente, o rei de Qin cuida dela enquanto pode e continua escondendo sua identidade. Quando forçado a voltar para Xianyang para tratar de assuntos de Estado, ele já estava decidido a tê-la ao seu lado.

Mesmo expondo o rosto de Gongsun Li por várias cidades para capturá-la, Ying Zheng teve que partir para um segundo plano: envenenar Jing Ke para que ela procurasse uma solução em Qin. Com a vida do seu primeiro amor em jogo, Gongsun Li se apresentou ao palácio de Xianyang e, chocada ao descobrir a verdadeira identidade do comerciante que conhecera há alguns meses, pediu três meses para cuidar de Jing Ke antes que voltasse ao palácio como concubina. Todavia, ao fim desse período, ela retorna a Qin grávida. Quando Ying Zheng

⁴² Sima Qian aponta que a rebelião de Cheng Jiao aconteceu em 239 a.C. (no ano anterior à cerimônia de maioria de seu irmão e do escândalo de Lao Ai) e o príncipe foi consequentemente assassinado, assim como os oficiais que se juntaram a ele (Qian, 1993, p. 52).

ordena que os médicos abortem o bebê, Gongsun Li ameaça se matar. O amor ou, talvez, a obsessão dele por ela ultrapassa sua humilhação por ter uma concubina grávida de outro: mesmo à contragosto, ele assume o bebê, Tian Ming, como seu.

Com o tempo, Gongsun Li acaba se apaixonando por Ying Zheng. Para além de outros problemas amorosos como ciúmes e desconfiança — afinal, estamos falando do futuro Qin Shi Huang —, o romance entre um rei tão infame e uma mulher idealista e magnânima sempre traz o questionamento: a unificação vale todo o sangue inocente derramado? Uma cena em particular revela não só os objetivos da unificação, como também a forma que o personagem se importa de ser lembrado na história. Ying Zheng e Gongsun Li, junto ao general Meng Wu e seus soldados, partem para uma expedição a fim de trazer o legalista Han Fei à Qin. Em uma tenda no acampamento militar, à luz de velas e envoltos pela fumaça do incenso, Ying Zheng explica para a sua amada os seus futuros planos:

Meu próximo passo é conquistar os Estados de Zhao e Han. Depois de conquistar esses dois Estados, eu serei capaz de me mover para o norte e ocupar a fronteira [com os povos bárbaros]. Eu quero construir uma grande muralha ao longo dessa fronteira. Com isso, o povo não terá que sofrer com invasões estrangeiras. (*The King's Woman*, 2017, ep. 21, 34min, tradução nossa)

Quando Gongsun Li aponta que a unificação ocasionará guerras e, consequentemente, sangue inocente derramado, ele continua:

O povo irá preferir passar por isso de maneira rápida. Ao levar em conta a força do Estado de Qin agora, pelo menos as casualidades serão diminuídas enquanto ocorre a unificação dos seis países, em troca de uma paz maior. Mesmo que eu carregue a culpa por isso, eu nunca me arrependerei. As guerras sem fim nesse mundo só irão sacrificar mais pessoas inocentes. (*The King's Woman*, 2017, ep. 21, 36min, tradução nossa)

Dias depois, Ying Zheng é o anfitrião de um banquete para comemorar a adição de Han Fei ao seu exército de ministros. Para além dos outros oficiais, generais importantes como Meng Wu e as concubinas de mais alto escalão, incluindo Gongsun Li, participam do banquete. Han Fei questiona porquê Ying Zheng almeja tanto a unificação do mundo civilizado como visto pelos chineses. Ying Zheng usa o momento para justificar de forma clara o que planeja:

A separação de poderes de Zhou Oriental levou ao enfraquecimento do rei Zhou. O país estava cheio de trabalhadores e a guerra continuou. As pessoas nunca viveram em paz. Eu sou um herdeiro ao trono, então eu pensei, como faço com que o meu povo viva em paz? Existe somente um jeito, que é eliminar as diferenças entre os países. Compartilhar a mesma língua (文⁴³), moeda e locomoção — essa é a única forma para que o mundo seja unificado e vire uma grande família. Somente assim ficaremos livres da guerra e o povo poderá ter uma vida pacífica e agradável. (*The King's Woman*, 2017, ep. 22, 34min, tradução nossa)

⁴³ 文 (wén). Na língua chinesa, 文 se refere à língua como um todo ou especificamente a língua escrita, enquanto 语 (yǔ) se refere à língua falada. Mesmo com dialetos (语) diferentes ao longo de sua extensão territorial, a criação dos caracteres que hoje conhecemos como o chinês tradicional, estabelecido por Qin Shi Huang, garantiu a unificação da língua chinesa (中文).

Após o fim do seu discurso, a reação da audiência é mista: Gongsun Li e seu irmão de artes marciais e guarda pessoal, Han Shen, ambos de um Estado conquistado por Qin, parecem cautelosos com a imensidão do projeto proposto por Ying Zheng. Outros, como o seu guarda pessoal Li Zhong, o general Meng Wu e Han Fei, se mostram empolgados com o futuro da China.

Não eram somente pessoas próximas a Ying Zheng que acreditavam no projeto da unificação. Wei Liao, que sugeriu subornar oficiais dos Seis Estados para desestabilizá-los por dentro (Qian, 1993, p. 54), afirma:

Eu só espero que o mundo seja pacífico sem guerras. Eu pratico táticas militares desde jovem, então eu viajei por todos os Estados para compartilhar o que eu aprendi. Eu pensei que um país próspero com um exército poderoso era o suficiente, mas nesses anos, meu filho e meus irmãos... todos morreram nas guerras. (...) Existe somente um jeito de acabar com o sofrimento e viver em paz, e esse jeito é unificar o mundo. Eu escolhi o estado de Qin [para compartilhar suas ideias]. No momento, somente Qin pode unificar o mundo, mas eu não escolhi Qin por causa de Sua Majestade. Espero que Sua Majestade não me entenda mal. Eu secretamente vim ao estado de Qin algumas vezes, as leis são rigorosas e os oficiais são leais. As pessoas vivem vidas simples, se conhece um país ao ver seu povo. Todos os reis anteriores se esforçaram para construir o Estado, portanto possui uma fundação sólida para unir o mundo. Por isso, depois de viajar para todos os países, eu decidi dar meu livro de guerra para Sua Majestade. (*The King's Woman*, 2017, ep. 31, 25min, tradução nossa)

É interessante contrastar as falas de Ying Zheng com a forma que outros personagens em *The King's Woman* se referem a ele e ao seu Estado. Ele é chamado de tirano, demônio ou maligno incontáveis vezes por variados personagens. Uma senhora do Estado de Han, que estava sob ataque de Qin, e abrigou Ying Zheng e Gongsun Li sem saber de suas identidades reais, fala:

Você não tem ideia de quão cruel e brutal são os soldados de Qin. Eles não querem que tenhamos descendentes. Ao olhar para cada centímetro da sua terra deserta, ficará o rei de Qin satisfeito? (..) Unificar o mundo? Quantas vidas serão sacrificadas? (...) Se o rei de Qin estivesse na minha frente, eu mataria esse demônio com as minhas próprias mãos. (*The King's Woman*, 2017, ep. 37, 29min, tradução nossa)

Anteriormente, o próprio rei de Han tinha chamado Ying Zheng de “rei maligno” durante a expedição militar para trazer Han Fei para Qin. O poderio de Qin quando comparado a um Estado pequeno como Han era evidente: Qin trouxe 100 mil homens somente para contratar um único homem como ministro. A capital de Han, Nanyang, só possuía 30 mil soldados dentro de seus muros. Ante a essa visão assustadora, os ministros se perguntavam se deveriam reforçar o número de tributos para Qin — afinal, até mesmo um Estado forte como Chu agora tentava agradar Qin com tributos raros. A submissão de Han era tamanha que o rei não esboçou nenhuma reação ao ser abertamente insultado pelo general de Qin, Meng Wu.

Outra cena com um Estado descrito como forte pelo *cdrama*, Zhao, também traz perspectivas interessantes para o nosso estudo. Durante uma visita do rei Daoxiang de Zhao a Xianyang, o respeito de Zhao para Qin é óbvio: ele traz os tributos mais raros possíveis e chama

Ying Zheng de 大土 (grande rei), mas é referido meramente como o rei de Zhao. Quando Ying Zheng se lamenta por não possuir saída para o mar, Daoxiang — após seu conterrâneo, o “eunuco” Zhao Gao, sutilmente concordar com a cabeça — afirma que o rei de Qin pressentiu o que ele já estava planejando: atacar Yan⁴⁴. Com poucas palavras — ou, no caso de Han, somente com uma demonstração de força —, Ying Zheng conseguia fazer os outros reis se submeterem à sua vontade.

Entre as pessoas comuns de Estados conquistados, a percepção de Qin e Ying Zheng também não era das melhores. Antes de conhecê-lo como o rei de Qin, Gongsun Li chegou a comentar:

O exército de Qin é brutal e malvado. Qin está enviando batalhões para suprimir os outros Estados. Os cidadãos sequer tem o suficiente para se manter vivos devido a guerra contínua. Nosso país está arruinado e não podemos voltar para casa. Mas eu aprendi a como lutar com uma espada e irei usar minha vida para lutar contra Qin. (*The King's Woman*, 2017, ep. 3, 14min, tradução nossa)

Já como uma concubina de Ying Zheng, Gongsun Li chega a fugir do palácio uma vez e, durante uma conversa com Jing Ke, Han Shen e sua irmã juramentada, Ge Lan, eles discutem as notícias de que Lu Buwei faleceu e os rumores sobre o rei de Qin ser o responsável. Com a exceção de Gongsun Li, todo o grupo acredita que Ying Zheng envenenou seu próprio pai biológico⁴⁵ — um rumor que corria solto pelos Seis Estados em *The King's Woman*. Jing Ke chega a comentar que “não importa o quão bom Lu Buwei era [no sentido de Ying Zheng não deixá-lo trabalhar para outros Estados], ele trabalhou muito à serviço de Qin, mas foi morto mesmo assim” (*The King's Woman*, 2017, ep. 16, 09min, tradução nossa) e Ge Lan, nascida em Qin, confirma, “ele é cruel com os seus inimigos, não importa se são idosos, mulheres ou crianças” (*The King's Woman*, 2017, ep. 16, 10min, tradução nossa). Após Jing Ke afirmar que quem mata seus irmãos também pode matar o próprio pai, Gongsun Li o defende:

Apesar de que ele se sentiu desanimado e dolorido pela sua história [de ser um bastardo], Lu Buwei é seu pai biológico, Ying Zheng ainda teria consideração por ele. (...) Os meio-irmãos executados nunca viveram com Ying Zheng. Desde criança, ele vivia sob o controle da rainha viúva e de Lu Buwei. A rainha viúva Huayang também tem seus próprios motivos pessoais. Ninguém o trata sinceramente desde que ele era jovem. Ele não tem ninguém em quem confiar plenamente. (*The King's Woman*, 2017, ep. 16, 11min, tradução nossa)

Curiosamente, anos depois dessa discussão, já nos dias anteriores à famosa tentativa de assassinato, Jing Ke essencialmente admite que a unificação pelas mãos de Qin é só questão de tempo e relutantemente admira a eficácia brutal do legalismo, cuja presença era arduamente

⁴⁴ Vide FIGURA 01, Zhao fazia fronteira com Yan, um dos únicos três Estados que tinha acesso ao mar.

⁴⁵ Qian (1993) nos conta que Lu Buwei se suicidou em 235 a.C. De acordo com o nosso conhecimento, fontes históricas não debatem uma possível participação direta de Ying Zheng na sua morte para além do exílio imposto. No *cdrama*, a suposta morte de Lu Buwei sequer é real — ele falsificou sua morte para auxiliar Qin a dominar os Estados restantes de forma secreta.

sentida nas punições duras a quais diversos personagens sofreram em Qin, mas a contribuição do legalismo para o aparelho estatal necessário para a conquista dos demais Estados era pouco reconhecida no *cdrama*. Ao andar pelas ruas de Xianyang e se admirar com a forma ordeira com que a cidade é gerida, Ge Lan fala sobre o legalismo, “as leis de Qin são as mais severas entre os sete Estados, (...) são muito duras, também existem veredictos injustos” (*The King’s Woman*, 2017, ep. 46, 25min, tradução nossa). Jing Ke reflete:

Mas talvez justamente por causa dessas leis o governo consegue comandar bem o Estado e o povo é capaz de viver e trabalhar em paz. Sinceramente, somente depois de vir a Xianyang eu entendi o porquê os outros Estados não estão à altura de serem oponentes de Qin. (*The King’s Woman*, 2017, ep. 46, 26min, tradução nossa)

Em contrapartida, Han Shen ainda se mostra intimidado pela unificação. Com Jing Ke se aproximando com a sua missão suicida, Han Shen tenta convencer Gongsun Li a deixar Ying Zheng a fim de se salvar e salvar seu filho com Jing Ke, Tian Ming, por medo da represália, fosse o assassinato bem-sucedido ou não, por estarem conectados a Jing Ke. Ele apela para a bondade de Gongsun Li:

O rei de Qin continua dizendo que quer unificar o mundo e trazer paz para a nação, mas você já pensou que se a paz é construída com sangue e sacrifícios... Se é esse o tipo de paz que Ying Zheng quer, ele está transformando o mundo em um grande cemitério. (*The King’s Woman*, 2017, ep. 45, 12min, tradução nossa)

Ocorrem demasiadas tramas e eventos no *cdrama*, tornando impossível sequer nos alongarmos nos principais acontecimentos dos 48 capítulos. Todavia, a partir da visão de Gongsun Li, temos exemplos claros do alto custo humano da unificação do coração da civilização chinesa a qual conhecemos hoje. Gongsun Li, dividida entre seus ideais de paz e seu amor por um dos principais causadores das guerras ininterruptas, também não consegue resolver o quebra-cabeças se Ying Zheng seria um unificador ou carniceiro, mesmo que ela sempre tenha tentado guiá-lo para um caminho sem sangue derramado.

Tal paradoxo se explica na forma em que o próprio *cdrama* aponta a unificação como o único fim possível para o caos do período dos Estados Combatentes. Mesmo que alguns personagens se mostrem aterrorizados pela unificação que já estava em processo, eles entendem que ninguém é capaz de parar Qin. Até mesmo os Estados descritos pelo *cdrama* como fortes o suficiente em uma luta contra Qin são eventualmente derrotados após estratégias bem pensadas por Ying Zheng e seus oficiais. Assim, mesmo ao expor pontos de vista contrastantes em relação à unificação, *The King’s Woman* concorda com sua necessidade, embora lamente pelo sangue derramado no processo.

A pessoa de Ying Zheng, entretanto, é representada de forma complexa. Somente nos primeiros capítulos já assistimos ele ordenar a execução de seus dois meio-irmãos pequenos, humilhar os pais, exilar outro meio-irmão e matar diversos rebeldes; já encaminhando para o

final do *cdrama*, ele mata, com suas próprias mãos, seu pai biológico Lu Buwei, após acreditar ter sido traído por ele e, no seu remorso, começa a massacrar civis nas ruas. Sua desconfiança contra tudo e todos é sua ruína: ele chega até mesmo a assassinar quem ele sempre disse ser o amor da sua vida, Gongsun Li. Certamente ele não se enquadra no arquétipo confuciano a qual o governo chinês prioriza nas narrativas — sua falta de piedade filial nos primeiros episódios seria horrorizante como ponto de partida. Todavia, é condizente com a sua representação ao longo dos milênios e essencialmente remove a *persona* messiânica a qual ele tentaria transmitir após estabelecer o seu império (Pines, 2014), revelando-o como um homem que possui méritos e falhas.

A declaração de Ying Zheng a Cheng Jiao resume de forma simples seu personagem:

Eu tenho um sonho. Eu quero todas as coisas deste mundo, não somente os civis, como também a corte celestial e o mundo dos mortos. Eu, e somente eu, serei o verdadeiro imperador (皇⁴⁶). Para conquistá-lo, eu nunca desistirei do trono de Qin, não importa quem esteja lutando contra mim. (*The King's Woman*, 2017, ep. 03, 42min, tradução nossa)

3.2 Entre espadas e leques: Qin sob os olhos de Gongsun Li

Um homem astuto ergue uma cidade; uma mulher astuta derruba uma cidade. Ah, aquela mulher astuta! Ela é um pássaro *xiao*; ela é uma coruja. Mulheres têm línguas longas. Elas são a fundação da crueldade. Desordem não desce do céu, vem das mulheres. Não existe ninguém para instruir ou advertir [o rei] porque quem o serve sempre são mulheres. Elas cansam os outros; elas são ciumentas e caprichosas. Primeiro elas caluniam; depois elas dão as costas [para a autoridade]. Você não diria que isso é muito extremo? Oh, como elas são perversas! Elas são como comerciantes que fazem um lucro triplo. O homem nobre sabe disso. Não existe serviço público para mulheres. Elas ficam com seus bichos-da-seda e tecendo. (Goldin, 2002, p. 48, tradução nossa)

O poema acima faz parte do Livro de Odes, um dos Cinco Clássicos Confucianos. Como discutido anteriormente, tal visão era proeminente entre a sociedade chinesa da época, embora na prática o poder das mulheres nobres era incontestável. *The King's Woman* não é um *cdrama* de harém propriamente dito⁴⁷, mas o palácio interior tem um papel proeminente como extensão dos conflitos entre Qin e os demais Seis Estados. Através dos olhos de Gongsun Li, as dinâmicas do harém são desenhadas para os telespectadores.

Antes de chegarmos aos muros altos de Xianyang, é importante conhecer a protagonista antes de virar uma concubina. Após salvar Ying Zheng quando criança, Gongsun Li deseja que

⁴⁶ Como citado anteriormente, um termo antigo para governantes que não estava em uso no momento. Também é uma sutil menção ao seu futuro título.

⁴⁷ *Cdramas* de harém clássicos e populares incluem *Empresses in the Palace*, *Ruyi's Royal Love in the Palace* e *Story of Yanxi Palace*. Neles, as personagens concubinas são fortemente desenvolvidas e as dinâmicas do palácio interior são o foco. Em *The King's Woman*, embora existam dinâmicas de harém, existem poucas concubinas sequer com falas e suas dinâmicas não são bem exploradas.

a amizade dos três — ela, Jing Ke e Ying Zheng — permaneça pela eternidade, que eles estejam a salvo e saudáveis no futuro, e que o mundo esteja em paz. Anos depois, já uma mulher jovem, Gongsun Li afirma que, se fosse homem, gostaria de ser um general e discute com o seu avô, Gongsun Yu, por não receber um papel na defesa de Wey contra a ofensiva Qin, “mesmo que eu seja uma garota, eu quero proteger o país assim como os outros” (*The King’s Woman*, 2017, ep. 01, 18min, tradução nossa). Em diversas instâncias, ela afirma que os Seis Estados precisam se unir para resistir à Qin, que destruirá famílias e todos os Estados. Na queda de Wey, o general Meng Wu ordena que os soldados não deixem nenhum sobrevivente. As habilidades de Gongsun Yu, sua neta e seus discípulos não são páreas para a superioridade bélica de Qin. Embora tentem salvar o máximo de inocentes possíveis, Gongsun Yu é morto e os sobreviventes são forçados a fugir para outros Estados.

Como Han Shen estava desaparecido desde a batalha, Gongsun Li e Jing Ke andavam por diversos países, auxiliando pessoas comuns quando possível e fazendo amizades e inimizades com outros heróis das artes marciais. É após reencontrar Ying Zheng que a vida dos dois vira de cabeça para baixo. Com a partida de Gongsun Li para o palácio como prometido, Jing Ke passou por momentos de extrema depressão até começar a investir na melhora das suas técnicas de artes marciais, eventualmente tornando-se um dos assassinos mais habilidosos dos Sete Estados.

O palácio interior de Xianyang, na ausência de uma esposa legal de Ying Zheng e, portanto, uma rainha, é essencialmente regido pela rainha viúva Huayang, avó adotiva de Ying Zheng. Zhao Ji, como outra rainha viúva, também poderia participar de sua administração⁴⁸, mas a morte dos filhos pequenos a deixou mentalmente debilitada. A princípio, o harém possui várias concubinas, mas, sem contar com Gongsun Li, somente quatro sequer possuem falas ou mais do que um minuto de tempo de tela. As concubinas do mais alto escalão recebem o título de “Madame”⁴⁹ e vem de famílias estrangeiras poderosas. Demonstrando como os eunucos ainda não tinham sido totalmente absorvidos ao funcionamento do harém (Bi; Xiao, 2009), somente o personagem de Zhao Gao é um “eunuco” com importância dentro dos muros palacianos. Com exceção de Tian Ming e Fusu, os herdeiros reais sequer aparecem. Mesmo com essa lacuna, Zhao Gao frisa a importância dos príncipes no contexto amplo de alianças entre Qin e os Seis Estados através de suas mães, pois eles são “as raízes de um país, (...)”

⁴⁸ Não vemos as duas interagirem antes do escândalo de Lao Ai, mas é subentendido que elas não se dão bem. Mesmo quando as duas supostamente administravam o harém, é possível que Huayang ainda tivesse a palavra final por ser mais velha.

⁴⁹ Tradução de 夫人 (fūrén).

importantes para a estabilidade e harmonia dos Seis Estados” (*The King’s Woman*, 2017, ep. 09, 05min, tradução nossa).

Quando Gongsun Li entra no palácio, ela é obrigada a deixar toda a sua vida anterior para trás, até mesmo a amada adaga do seu avô. É nesse momento, também, que conhecemos melhor as suas habilidades para além das artes marciais: ela é alfabetizada e possui uma forte bagagem literária. Mesmo quando outras integrantes do harém tentam diminuí-la por não ter origem nobre, sua educação não é tão diferente das outras concubinas.

Inicialmente uma concubina do quarto *ranking*, Gongsun Li entendia que o harém é um lugar perigoso, mas ainda não compreendia todas as suas dinâmicas complexas. Após uma das concubinas, Madame Min, buscar uma amizade, sua criada, Qing Er, a orientou:

[Os oficiais] tentam ganhar o apoio das concubinas de acordo com o seu *status*. Madame Min e Madame Chu, por exemplo, vieram de dois Estados fortes, então naturalmente suas posições são mais altas. Quanto às concubinas de Estados mais fracos, elas terão que tentar ganhar o apoio de servos de alto *ranking*. Mas, minha senhora, a senhora está grávida e o rei reservou tanto cuidado para a senhora. Eu acredito que seja lógico que Madame Min tente ser boa para a senhora. (...) A senhora não pode dizer isso [que não se importa com as rivalidades do harém]. (*The King’s Woman*, 2017, ep. 09, 38min, tradução nossa)

Han Shen, após entrar no palácio como um guarda, a alertou várias vezes para os perigos, sejam por parte das outras concubinas, oficiais ou até mesmo o rei. A fuga de Gongsun Li para encontrar Jing Ke e Ge Lan trouxe consequências desastrosas no seu retorno, desde uma estadia temporária na prisão a acusações de que ela teria um caso com Han Shen. Enquanto estava preso, Han Shen a advertiu seriamente sobre os perigos do harém de Qin:

Não somente Ying Zheng a criticou e a confinou, ele realmente a colocou na prisão! (...) O harém é um lugar muito perigoso. Mandá-la para a prisão é como cortar a carne para alimentar o tigre. Muitas pessoas querem usar essa oportunidade para matá-la. Ele está fazendo isso para te matar. (*The King’s Woman*, 2017, ep. 18, 06min, tradução nossa)

Após as acusações de infidelidade serem rebatidas, Han Shen pede a Ying Zheng para continuar no palácio a fim de proteger Gongsun Li, alegando que

Sua Majestade não pode negar que o palácio é cheio de perigos, não importa o quanto Sua Majestade ame e proteja Madame Li, Sua Majestade só pode protegê-la por um curto período de tempo, mas não para sempre. (...) O senhor é o líder de um país, pode fazer o mesmo [se sacrificar por Gongsun Li]? O senhor tem o país e os Estados para se preocupar. Sua Majestade iria sacrificar sua própria vida a qualquer custo somente para proteger uma concubina? Sua Majestade faria isso? (*The King’s Woman*, 2017, ep. 18, 30min, tradução nossa)

Quando a rainha viúva Huayang reclama que Gongsun Li conversa com Ying Zheng sobre assuntos de Estado pois “desde as dinastias Shang e Zhou, a história nos mostra que muitos desastres ocorrem se uma consorte se envolve em assuntos de Estado. É como diz o ditado, passar dos limites é tão ruim quanto fracassar” (*The King’s Woman*, 2017, ep. 20, 40min, tradução nossa), o rei sugere apontar Gongsun Li como rainha, pois queria uma esposa legal guerreira que o auxiliasse também nos assuntos de Estado. Huayang, que o estava pressionando

há meses para escolher uma rainha, logo deixa o assunto de lado por não aprovar Gongsun Li. Ironicamente, pouco antes de censurar as opiniões da concubina, a própria rainha viúva Huayang estava comentando assuntos de Estado em defesa de sua terra natal, Chu. De qualquer forma, Han Shen adverte Gongsun Li de como uma simples conversa trouxe ainda mais perigo para ela:

Dos ministros aos criados, eles podem parecer que se submeteram ao estado de Qin, mas na verdade eles só estão pensando em si mesmos. Então, Li Er⁵⁰, você deve ter cuidado a todo momento. Você deve estar ciente que tem uma chance que qualquer pessoa irá te sacrificar, incluindo Ying Zheng. **Antes de Ying Zheng ter certeza que o estado de Qin pode unificar o mundo, seja a corte ou o harém, ele irá garantir a balança do poder. Ele não apontou Madame Chu ou Madame Min como rainha e só favorece você, isso faz parecer que ele é neutro, mas na verdade segue a linha da prática de consideração política.** (*The King's Woman*, 2017, ep. 21, 13min, tradução nossa, grifos nossos)

Para além da rainha viúva Huayang, o relacionamento de Gongsun Li com as outras mulheres do harém é complexo. Assim como sua aliada Huayang, Madame Chu é uma princesa de Chu e sua ambição no palácio de Qin é auxiliar sua terra natal de qualquer forma possível. Ela não possui escrúpulos para tal. A partir de alianças, sejam temporárias ou permanentes, com oficiais como Li Si e marquês Changping, com o “eunuco” Zhao Gao e outras concubinas de menor importância, Madame Chu participa de assuntos de Estado mesmo fora da corte. No harém, ela se posiciona como mãe adotiva do príncipe Fusu, tenta engravidar de um filho biológico e envenena outras concubinas grávidas para que elas tenham um aborto.

Após ser vítima de uma trama por Madame Min e passar anos em uma posição baixa, Madame Chu cresce como personagem e decide auxiliar seu país natal de outras formas. Ela faz o sacrifício final pela sua pátria ao aceitar o destino para os traidores de Qin — tudo pois o verdadeiro culpado, marquês Changping, um oficial próximo à Ying Zheng proveniente de Chu que, diferentemente dela, estava numa posição melhor para auxiliar a terra natal dos dois. Antes de seguir com o suicídio ordenado pelo rei, Madame Chu conversa com Gongsun Li, cuja inimizade transformou-se em amizade ao longo dos anos, e lamenta as restrições que a sociedade impõe às mulheres. Ela também sugere que Gongsun Li não confie plenamente em Ying Zheng:

Minha mãe dizia que eu tinha uma personalidade forte e que, **se eu fosse um homem, seria um rei ou um ministro.** (...) **Se eu fosse um homem, talvez eu pudesse fazer alguma coisa para o meu país natal.** Li Er, você é uma mulher excepcional. Você tem uma visão extraordinária e é talentosa nas artes marciais. **Se você fosse um homem, você definitivamente seria um comandante talentoso e famoso.** Infelizmente, agora você está no palácio de Qin. Isso deve ser difícil para você. Li Er, escute meu conselho: não importa o quanto o rei te mime ou te ame, você deve sempre lembrar de proteger suas apostas. Não confie em tudo que ele diz. Porque em seu coração não existe ninguém em que ele possa confiar cegamente. **Para pessoas como**

⁵⁰ 儿 (ér) no final de um nome é uma forma carinhosa de se referir a alguém em mandarim.

ele que querem dominar o mundo e se tornar o maior imperador de todos os tempos, qualquer coisa que vá contra os seus interesses deve ser sacrificada, mesmo suas concubinas favoritas, oficiais e parentes. Apesar dele sempre mostrar que é destemido, isso é porque ele guarda muitos segredos sujos os quais ninguém sabe. (*The King's Woman*, 2017, ep. 44, 15min, tradução nossa, grifos nossos)

Madame Min é uma personagem misteriosa. Oriunda de uma família nobre de Zhao, e portanto uma conterrânea de Ying Zheng, Zhao Ji e Zhao Gao, ela diz não se importar com a afeição do rei para além da amizade e afirma não se interessar por assuntos de Estado desde que se casou com o rei de Qin. Embora de fora sua posição pareça neutra, Ying Zheng destaca que no harém “não lutar já significa lutar” (*The King's Woman*, 2017, ep. 15, 15min, tradução nossa).

Madame Min inicialmente se posiciona como amiga de Gongsun Li, mas com o tempo é revelado sua verdadeira personalidade: uma mulher capaz de matar e trair qualquer um para auxiliar o antigo príncipe herdeiro de Zhao, Zhao Jia, contra o atual rei e seu antigo amor, Zhao Qian. Assim como Madame Chu, Madame Min também possui aliados no palácio: Zhao Gao e Li Si. Após incitar conflitos entre Ying Zheng e Gongsun Li e causar o aborto do filho dos dois, sua punição é assistir pessoalmente à aniquilação de Zhao. Ela se suicida após um último confronto com Zhao Qian, que foge perante a destruição do seu reino.

O “eunuco” Zhao Gao se alia a quem for mais benéfico no momento para a preservação de sua terra natal, Zhao. Gongsun Li o descreve como “muito ardiloso, ele nunca perderá a chance de obter méritos na frente do rei se tiver alguma coisa a expor” (*The King's Woman*, 2017, ep. 18, 05min, tradução nossa). Suas habilidades para influenciar reis já estão sendo desenvolvidas em *The King's Woman*, seus sussurros nos ouvidos de Ying Zheng são tão eficientes quanto uma espada.

Uma cena em particular demonstra como o poder de um eunuco não deve ser subestimado. Após fazer a conexão correta que o desaparecimento de Gongsun Li estava relacionado com Han Shen, Zhao Gao relata, em voz alta, suas suspeitas de um caso entre a concubina e o guarda para Ying Zheng, enquanto ele estava em audiência com vários oficiais. Essa escolha foi intencional — como eunuco pessoal de Ying Zheng, ele teria diversas oportunidades para contá-lo de forma discreta. Por exemplo, tais suspeitas poderiam ser informadas no ouvido do rei ou logo após a audiência, assim, ele não seria humilhado publicamente pelas suspeitas e obrigado a tomar uma decisão severa naquele mesmo instante. Como Zhao Gao era inimigo de Gongsun Li e sabia que o rei a protegia em diversas ocasiões, sua sutil ação forçou a mão de Ying Zheng para puni-la.

FIGURA 03 — Gongsun Li (de tons pastéis), já como a concubina mais poderosa do palácio, tenta resolver conflitos no harém entre Madame Min (de laranja) e Madame Chu (nesse momento, em uma posição mais baixa; de lilás). Em um degrau abaixo delas, as criadas leais e ao fundo os eunucos que serviam como guardas.



Fonte: 华录百纳热播剧场, 2017.

Ao longo de *The King's Woman*, mesmo se recusando a virar a rainha por não querer se envolver em intrigas palacianas e da sucessão ao trono por ter um filho, é Gongsun Li, logo promovida à posição mais alta do harém, que essencialmente comanda o palácio interior, apartando brigas entre as concubinas, arranjando funerais e outras atribuições da chefe do harém. Embora Gongsun Li tente adotar uma postura neutra, ela inegavelmente participa das políticas de Estado, assim como as outras concubinas. Mesmo que a princípio ela fosse crítica a Qin, o amor a Ying Zheng a cega para boa parte de seus defeitos como pessoa e rei. Para diminuir o sangue derramado na futura conquista dos Seis Estados, ela advoga por soluções pacíficas para os conflitos e defende alguns ministros em detrimento de outros, sempre o alertando para “admirar o estrategista, mas não ser dominado por eles” (*The King's Woman*, 2017, ep. 23, 09min, tradução nossa). Seus conselhos a Ying Zheng têm efeitos reais, o que consequentemente a torna inimiga de pessoas importantes.

No cerne do *cdrama* como uma forma de transmitir os valores chineses, diferentemente de seu marido Ying Zheng, Gongsun Li se destaca por seguir preceitos confucionistas, como apreciar sábios e ser filial. Embora sua visão de Qin acabe sendo romantizada pelo amor a Ying Zheng, diferentemente de suas visões fortes no passado, e suas interferências em assuntos estatais estejam diretamente contra os preceitos da época de permanecer no âmbito doméstico, ela é a grande heroína da história: forte, bondosa e inteligente.

No momento em que Gongsun Li se deixa ser morta por Ying Zheng, já desiludida com o marido, mas incapaz de matá-lo, ela, sempre bondosa, expressa o desejo que ele seja um bom rei para uma China prestes a ser unificada, “somente ao deixá-lo matar a pessoa que ama com suas próprias mãos, você conhecerá o sentimento de perder a pessoa que você ama. Somente ao entendê-los, você poderá ser um bom rei” (*The King's Woman*, 2017, ep. 48, 15min, tradução nossa).

Por fim, Gongsun Li é uma precursora fictícia da poderosa influência das futuras consortes imperiais dos próximos dois milênios,

Pode ser dito que Qin Shi Huang criou a China como uma nação quando conquistou os Estados rivais e se proclamou imperador. A história da China como uma unidade singular realmente começa com a unificação Qin. Apesar de que o ideal de uma China unificada existia há tempos na mente das pessoas, (...) Qin varreu os últimos vestígios remanescentes do sistema Zhou e trouxe verdadeira unidade à China. Com o sistema imperial, o relacionamento de alguém com o imperador se tornou o fator primário que determinava a posição social. No ápice dessa nova sociedade, consortes imperiais obtiveram poderosas novas posições. (Hinsch, 2011, p. 128, tradução nossa)

3.3 Cartografia de um regicídio: a tentativa de assassinato por Jing Ke

Por dois milênios, intelectuais chineses aplaudiram a coragem de Jing Ke, mas não o ato de regicídio que ele se propôs a realizar — para eles, não existia a noção de “regicídio legítimo, não obstante o quão terrível o atual monarca o fosse” (Pines, 2008, p. 2, tradução nossa). No *Shiji*, um capítulo é dedicado a Jing Ke na seção Biografias de Assassinos. Nascido em Wey e proveniente de uma família de Qi, ele era um homem bem-educado que gostava de ler e praticar suas habilidades de combate. Durante suas viagens, ele frequentemente se aproximava de homens poderosos (Qian, 1993).

Seu destino começou a ser traçado quando o príncipe herdeiro Dan voltou a Yan, após passar anos como um príncipe refém em Qin. Embora ele tenha sido amigo de Ying Zheng na infância, com os anos seu relacionamento deteriorou e Dan fugiu de Qin. Sua terra natal era pequena e frágil perante a estrondosa força bélica de Qin, então Dan procurou uma alternativa para evitar a queda de Yan em um campo de batalha: assassinar Ying Zheng. Um dos amigos de Jing Ke em Yan intercedeu um encontro entre os dois.

Para justificar o seu plano, o príncipe herdeiro apelou a Jing Ke:

Qin tem um coração ganancioso por grãos, e seus desejos são insaciáveis. Ele nunca estará contente até que tome todas as terras do mundo e force todos os reis dos quatro mares a reconhecer sua soberania. (...) Se isso se mostrasse impossível [ameaçar o rei de Qin para que ele retorne as terras que tomou], ele [um homem corajoso] ainda poderia tentar esfaquear e assassinar o rei. Com os generais de Qin livres para fazer o que quiserem com suas tropas nas áreas periféricas, e a corte de Qin em um estado de confusão, dissidentes certamente surgiriam entre o governante e seu súdito. Os lordes feudais poderiam se aproveitar da situação para se unir mais uma vez, e nesse caso a queda de Qin seria inevitável. (Qian, 1993, p. 183, tradução nossa)

Ao perceber a relutância de Jing Ke, Dan se ajoelhou e implorou de joelhos até que ele aceitasse. Por um tempo, Jing Ke aproveitou as regalias concedidas por Dan, mas com os Estados sendo dominados um por um por Qin ficou claro que era a hora de agir. Como isca, Jing Ke sugeriu trazer um mapa de uma região importante de Yan e a cabeça de um ex-general de Qin que ofendeu Ying Zheng, Fan Yuqi, que se refugiou em Yan. Mesmo com a negativa de Dan, o ex-general Fan, tendo toda sua família executada pelo seu crime, se propôs a ser usado pela causa. Na partida para Qin, os conspiradores do plano utilizaram roupas brancas de

luto e assistiram enquanto Jing Ke cantava uma música: “Os ventos cantam *xiao xiao*, as águas do Yi são geladas. Homens valentes, quando partem, nunca voltam” (Qian, 1993, p. 186, tradução nossa). A cena emblemática permaneceu na mente dos poetas chineses pelos próximos dois milênios (Pines, 2008).

Quando Jing Ke e outro conspirador chegam em Qin com o mapa de Yan e a cabeça do ex-general Fan, Ying Zheng mal consegue esperar para conhecê-lo, ignorante do plano. Tudo parecia normal até que Jing Ke abriu o mapa e, de lá, retirou uma adaga e agarrou a manga do rei. A cena é eletrizante na narração de Sima Qian através da sua fonte oral (Qian, 1993, p. 190).

Ying Zheng rasgou sua própria manga ao se afastar e tentou tirar sua espada da bainha, sem sucesso. Os oficiais nada podiam fazer a não ser assistir a cena em tensão; armas eram proibidas naquela seção do palácio e os guardas armados não poderiam subir ao local onde o rei estava sem ordens, que, no pânico, não os chamou. Um esperto médico jogou sua bolsa de remédios em Jing Ke, atrasando-o o suficiente para que os outros oficiais gritassem ao rei a melhor forma de tirar a espada da bainha. Finalmente, Ying Zheng feriu seriamente Jing Ke para inverter sua posição indefesa. Antes de ser morto, Jing Ke gritou, “Eu falhei porque tentei ameaçá-lo sem realmente o matar e exigir uma promessa que poderia trazer de volta ao príncipe herdeiro!” (Qian, 1993, p. 188, tradução nossa). Não surpreendente, as consequências para Yan foram brutais.

O Jing Ke de *The King's Woman* têm motivações diferentes para a tentativa de assassinato do rei de Qin. Quando criança junto a Gongsun Li e Ying Zheng, ele desejou que suas habilidades em artes marciais ficassem à par das habilidades de seu mestre para livrar o povo de pessoas ruins. Como adulto, Jing Ke carrega um profundo ódio por Qin e seu rei: originário de Wey, seu país natal foi devastado por Qin e seu mestre, morto; seu primeiro amor, Gongsun Li, também foi tirado de si por Qin, primeiramente contra a vontade de Gongsun Li e depois por “escolha”⁵¹.

Tais sentimentos são os que o levam a aceitar a missão suicida do príncipe herdeiro Dan de Yan: assassinar Ying Zheng no seu próprio palácio. No *cdrama*, o envolvimento entre Jing Ke e Dan começa ainda mais cedo, quando Jing Ke auxilia um amigo a tirá-lo de Xianyang,

⁵¹ Na fuga de Gongsun Li e Han Shen para encontrar Jing Ke e Ge Lan, mencionada anteriormente, Gongsun Li mente para Jing Ke que Tian Ming é filho de Ying Zheng, para que seu primeiro amor não se arrisque ao tentar invadir o palácio para resgatar o filho — algo que ele tinha feito anteriormente após descobrir que Gongsun Li tinha se tornado uma concubina e quase passou o resto da vida em trabalho forçado por causa disso. Gongsun Li entendia que Ying Zheng nunca a deixaria ir; Jing Ke, enciumado, entendeu que ela agora amava o rei de Qin, o que não era verdade no momento. Todavia, em outras ocasiões em que Gongsun Li poderia realmente deixar o palácio para sempre, até mesmo com Tian Ming, ela preferiu permanecer por amor a Ying Zheng.

onde o príncipe herdeiro de Yan estava sob uma estrita prisão domiciliar após conflitos com o seu captor, o rei de Qin. De volta a Yan, quando o plano para o regicídio começa a ser discutido, Jing Ke não precisa ser dissuadido: ele mesmo se oferece para a missão. Os avisos de seus amigos que Dan está lhe usando para seu próprio benefício não abalam sua decisão, afinal, o objetivo final dos dois é o mesmo e ele também está usando a isca dada pelo príncipe herdeiro para confrontar Ying Zheng.

Embora essa não tenha sido a primeira nem a última vez que a vida do rei de Qin e, futuramente, o imperador, quase foi ceifada — um dos próprios amigos de Jing Ke chegaria a tentar vingar o amigo com outra tentativa de assassinato audaciosa pouco tempo depois —, é a mais famosa, tamanha a sua popularidade que é difícil tratar de Ying Zheng sem mencionar Jing Ke. Criar um triângulo amoroso entre Ying Zheng, sua concubina e Jing Ke sequer é uma invenção de *The King's Woman*, o filme popular *The King and the Assassin*, que inspirou o *cdrama* em vários pontos importantes do enredo como o impacto de sucessivas traições no caráter cada vez mais brutal do rei de Qin, também incrementou fatos históricos com desventuras amorosas (Pines, 2008).

Em meio a opiniões divergentes na atualidade a respeito de Jing Ke, *The King's Woman* teve sua própria interpretação a partir de sua narrativa: a tentativa de assassinato era um último acerto de contas entre dois homens extremamente possessivos pela mesma mulher, Gongsun Li. As questões políticas ficam à margem do confronto, embora tenham sido a justificativa para o reencontro dos dois inimigos. Como demonstrado anteriormente, o próprio Jing Ke já estava conformado que a unificação logo aconteceria nas mãos de Qin. Mesmo após a revelação que Tian Ming era seu filho e era passível de sofrer represálias quer ele fracassasse ou não, Jing Ke justificava suas ações pelas mortes necessárias para o plano ir adiante. Entretanto, na oportunidade de se aproximar de Ying Zheng, ele não age; ao invés disso, ele só provoca ciúmes em Ying Zheng ao falar sobre Gongsun Li.

FIGURA 04 — Jing Ke (de preto, deitado) e Ying Zheng lutam (de vermelho e preto, inclinado) na famosa tentativa de assassinato.



Fonte: 华录百纳热播剧场, 2017.

Durante metade do clímax do *cdrama*, Ying Zheng não esteve em desvantagem, diferentemente de sua versão histórica segundo a narração do *Shiji*. Em *The King's Woman*, o personagem já estava ciente do plano antes da chegada de Jing Ke a Qin e se preveniu das famosas habilidades marciais do seu oponente, o envenenando. Os oficiais assistem à luta tensos e incapazes de auxiliar de alguma forma sem permissão. Embora se machuque no processo, Ying Zheng enfim mata Jing Ke. É o fim da rivalidade dos dois e também decreta o fim do príncipe herdeiro Dan de Yan. Na história, Ying Zheng unificaria a China sob suas mãos em poucos anos.

Assim como Ying Zheng, Jing Ke pode não ser um protagonista classicamente confuciano como o governo chinês tenta transmitir, mas reflete o apreço da população chinesa pelo “espírito marcial do passado” (Pines, 2008, p. 31, tradução nossa). Jing Ke entende a imensidão da missão suicida que aceitou e se sacrifica para tentar vingar as pessoas que morreram pelas guerras de unificação promovidas por Qin. Mesmo com seus motivos pessoais na narrativa de *The King's Woman* e a inevitabilidade da conquista dos Seis Estados, a história ainda admira a sua coragem.

3.4 Entre sedas e poder: a narrativa através do figurino

O período dos Estados Combatentes é caracterizado por diversos estilos de roupa e extravagância (Mei, 2004). Analisar a veracidade histórica dos figurinos não é o nosso objetivo, mas sim discorrer sobre a forma com que o figurino do *cdrama* complementa a narrativa. Yin (2023) destaca como o departamento de figurino de filmes e séries podem evidenciar diferenças culturais e regionais, assim como ressaltar o estado emocional dos personagens.

Nesse sentido, *The King's Woman* se empenhou em criar uma ponte visual entre o imaginário sobre o período retratado e seus figurinos. A forma mais fácil de fazê-lo era se inspirar no famoso Exército de Terracota, descoberto na década de 1970 nos arredores de Xi'an, cuja região também engloba a antiga capital de Qin, Xianyang (Man, 2007). Até a dinastia Ming⁵², homens Han chineses, assim como de civilizações próximas como Coreia e Japão⁵³, possuíam longos cabelos e amarravam-os em um coque no topo da cabeça, onde poderiam

⁵² A dinastia seguinte, Qing (1644 - 1912), era manchúria, não Han chinesa, e seus costumes eram diferentes. O cabelo de homens manchúrios era em sua grande maioria raspado, o que permanecia na parte traseira do crânio era trançado, é o que chamamos de *queue*. Com o estabelecimento da dinastia Qing, a *queue* foi obrigatória para os homens Han chineses. Essa decisão não foi popular, mas a punição para tal era a morte (Wood, 2022).

⁵³ Dadas as devidas exceções como os samurais.

adicionar grampos de cabelo, chapéus ou capacetes. A obrigatoriedade dos cabelos longos independente do gênero é simbolizada através de um ditado de Confúcio, “cabelos e pele são presentes de seus pais, vigilância em não deixar que nada aconteça com seu corpo é onde a piedade filial começa” (Rosemont; Ames, 2009, p. 112, tradução nossa). A manutenção de cabelos longos era tão séria que, dependendo do crime, cortá-los seria uma possível punição (Lewis, 2007).

FIGURA 05 — Penteados de *The King's Woman* foram inspirados nos Guerreiros de Terracota.



Fonte: 华录百纳热播剧场, Wikimedia Commons, 2017.

Os variados penteados dos Guerreiros de Terracota são trazidos à vida através de *The King's Woman*: tranças em direção ao coque, o coque virado para um lado da cabeça ao invés de estar localizado no topo da cabeça, o cabelo sendo penteado de diferentes formas antes de amarrá-lo — são pequenos detalhes que auxiliam na imersão dos telespectadores no período retratado. No *cdrama*, esses penteados são, em sua grande maioria, utilizados por homens de Qin ou que lá viveram por um longo período, a exemplo do príncipe herdeiro Dan. Os outros personagens só puxam o cabelo para um coque no topo da cabeça ou fazem uma singela trança em direção ao coque.

A rigidez de penteados é presente em personagens que possuem funções oficiais. Quando eles estão fora de Qin sem assumir suas posições oficiais, seus cabelos relaxam para um penteado anacrônico em que somente a parte superior do cabelo está num rabo de cavalo ou coque.

Para além dessa ponte visual, a história de *The King's Woman* segue a vida adulta de Gongsun Li, presa entre lealdade ao seu passado e a adaptação a um presente que nunca desejou. As escolhas do departamento de figurino seguem fielmente esse ciclo. Quando somos introduzidos a Gongsun Li, ela utiliza um vestido em tons amarelos e laranjas; seu estilo é claramente puxado para tons pastéis, algo notável até mesmo no palácio de Qin, dos seus 9 figurinos utilizados para exercer a posição de concubina, 5 deles são em cores pastéis. Os figurinos também contam uma história.

Chen e Chu (2022) apontam os significados metafóricos de cinco cores para os chineses: branco (inocência, honestidade e luto), preto (autoridade, integridade e maldade), vermelho

(celebração e vida), amarelo (poder e dignidade) e azul (responsabilidade e calma). Os autores também destacam a dualidade da cor preta:

Preto significa o céu supremo, então tem um simbolismo solene, autoritário e elegante. Paralelamente, o preto corresponde ao norte da doutrina das cinco cores, cinco direções e cinco estações, simbolizando o inverno quando tudo foi abatido, então o negro também simboliza a escuridão, o frio e o terror. (Chen; Chu, 2022, p. 1365, tradução nossa)

Quando Gongsun Li entra no palácio, utiliza roupas brancas com um casaco salmão leve por cima. Como destacado anteriormente, na China a cor branca representa não só a pureza e a inocência, como também o luto — nesse momento, o luto seria pela vida que ela almejava, contrastante da sua realidade. Quando ela é promovida para uma das posições mais altas do harém e lentamente começa a se apaixonar por Ying Zheng, o branco se junta ao preto (a cor oficial de Qin) e ao vermelho, a cor da felicidade e de casamentos (Xue, 2022). Nesse mesmo período, Ying Zheng utiliza três robes diferentes com as mesmas cores.

No momento de melhor plenitude do matrimônio dos dois, Gongsun Li utiliza um majestoso e luxuoso traje em vermelho e preto, com bordados em amarelo — a cor que futuramente seria associada com a glória do império chinês (Mei, 2004) —, que claramente ecoa as robes oficiais de Estado de Ying Zheng. Para além da demonstração de poder com a sua luxuosa aparência (Ying, 2020) — nenhuma das outras concubinas utilizava as mesmas cores —, o figurino demonstra que Gongsun Li é agora uma mulher poderosa de Qin, com um casamento feliz com o seu rei. As poucas ocasiões em que ela utiliza esse vestido também contam uma história; ela o utiliza para auxiliar Ying Zheng a desvendar uma trama na corte, posteriormente para cuidar dos assuntos do harém e, por fim, para confortar seu marido. Essas são essencialmente as atribuições práticas de uma rainha.

FIGURA 06 — Foto promocional com a roupa luxuosa utilizada por Gongsun Li no melhor momento do seu casamento com Ying Zheng.



Fonte: MyDrama List, 2017.

A partir do figurino, é possível compreender os sentimentos atuais dos personagens. Por metade do *cdrama*, Ying Zheng utiliza robes brancas, todavia, com suas atitudes cada vez mais

brutais para conquistar a unificação e seus pensamentos progressivamente mais paranoicos, ele as deixa totalmente de lado na segunda metade da história. Gongsun Li, por outro lado, retoma a usar branco e outras cores claras quando volta a enxergar os defeitos do marido e as fraturas do casamento ficam cada vez mais evidentes. Os figurinos de ambos, outrora tão harmoniosos, ficam completamente desconexos.

Quando vemos Gongsun Li pela última vez, ela está usando laranja com bordados em amarelo de novo, dessa vez com o luxo proveniente de sua posição atual. Ela toca Jing Ke em seus últimos suspiros e promete reencontrá-lo em breve. Em contrapartida, Ying Zheng observa a cena com seus trajes em negro e vermelho, sujos de sangue pela batalha que travou contra Jing Ke. Gongsun Li se deixa ser morta pelo marido logo depois. É o fim de sua história: mesmo após passar por inúmeros eventos, ela voltou a ser quem era antes.

Considerações finais

Os produtores de *The King's Woman* encararam o desafio de abordar a história do futuro Qin Shi Huang mesmo com as concessões ao governo atual chinês e às narrativas historiográficas. Nesse sentido, o *cdrama* seguiu a abordagem moderada de Sima Qian — inclusive suas possíveis adulterações — e outros pensadores do início da dinastia Han: reconhecer a necessidade da unificação e do estabelecimento do império, mas ser crítico ao processo e à Ying Zheng; dessa forma, Qin e o futuro Qin Shi Huang seriam um mal necessário para o fim de um momento caótico. Embora não exista mais um império chinês a qual seja necessário defender suas bases, a República Popular da China acredita ser fundamental valorizar sua história milenar e, é claro, sua unidade territorial, cuja fragmentação foi interrompida pela conquista dos Seis Estados por Qin. Mesmo passando por momentos posteriores de divisão territorial — como o período dos Três Reinos (220 – 280), Dinastias do Norte e do Sul (420 – 589) e as Cinco Dinastias e Sete Reinos (907 – 979), dentre outros —, a China eventualmente sempre retornou a ser um país unificado.

Para transmitir essa mensagem, o *cdrama* fez uso da protagonista fictícia Gongsun Li para abordar as diversas facetas de Ying Zheng. Através dela, escutamos de maneira simpática como o futuro Qin Shi Huang pretende empreender a unificação e seus motivos para tal. Também é através dela que boa parte de suas ações mais injustificáveis são justificadas. Gongsun Li entende que ele não é um homem bondoso, mas tenta ajudá-lo a trilhar o caminho menos sangüinário. É um contraste vívido entre sua representação na mente de mais da metade dos personagens, até mesmo aqueles que vivem em Qin, que o enxergam como um homem cruel e sem escrúpulos.

É curioso destacar como o legalismo, assim como Ying Zheng e consequentemente Qin, é visto de maneira complexa. Já estabelecido nas fundações do Estado de Qin, tal sistema de leis é o motivo para algumas das punições brutais a quais vários personagens são vítimas, mas na visão do arqui-inimigo pessoal de Ying Zheng, Jing Ke, também é o motivo para o ordenamento aparente de Xianyang quando comparado às capitais de outros Estados.

Ying Zheng não é um clássico herói chinês, tampouco é Jing Ke — sua coragem e bondade para desconhecidos é admirável, mas ele é irritável e ciumento, suas ações afetam negativamente outras pessoas além dele —, mas Gongsun Li se encaixa perfeitamente nesse rótulo, especialmente frente à ascensão de heroínas em *cdramas* (Ying, 2020). Para fora do escopo estatal, da “política dos homens” a qual nos referimos antes, Gongsun Li também nos

introduz à esfera dita doméstica, mas igualmente política: a do palácio interior, ou o harém. A participação das concubinas, embora debaixo dos panos, nos assuntos de Estado é bem desenvolvida. Mesmo Gongsun Li, de um pequeno Estado conquistado e sem alianças políticas para auxiliá-la, não consegue se manter de fora das políticas que rodeiam o palácio de Xianyang. As outras concubinas e os eunucos, ambos ávidos por poder, sequer pensam em *não* se envolver nos jogos políticos em curso.

Na esfera visual, o departamento de figurino cumpre bem o seu papel de auxiliar a narrativa. Os penteados masculinos, claramente inspirados nos Guerreiros de Terracota, situam o telespectador no período retratado pela história. As roupas de Gongsun Li refletem, através das cores, a narrativa de cada momento. O figurino reforça a ideia de que o foco do *cdrama* é Gongsun Li, inserida em um contexto histórico caótico e dividida entre dois homens extremamente diferentes.

Com base no exposto, *The King's Woman* traz à vida um momento complexo da história chinesa. A partir da nossa análise, averiguamos as marcas historiográficas inegáveis, assim como a liberdade artística dos produtores, mesmo sob as diretrizes do governo chinês, na representação de Qin. Todavia, o nosso recorte foi específico para um *cdrama* que abrange menos de vinte anos. Constatadas as inúmeras possibilidades de pesquisas a partir de *cdramas*, trabalhos futuros podem analisar outros períodos históricos, utilizar de perspectivas variadas ou explorar mais do que um único *cdrama*. Com uma história tão densa e longa como a da civilização chinesa, as possibilidades de pesquisa são vastas.

REFERÊNCIAS

Fontes

LI, Bai. **The Emperor of Qin**. Tradução em inglês. Disponível em: <https://www.cn-poetry.com/libai-poetry/emperor-of-qin.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

THE KING'S WOMAN. Direção: Liu Xin. China: Zhejiang TV, Youku, 2017. 1 série televisiva (48 episódios).

QIAN, Sima. **Records of the Grand Historian: Qin Dynasty**. Tradução de Burton Watson. New York: Columbia University Press, 1993.

Fontes visuais

华录百纳热播剧场. **The King's Woman – Full Series**. [S.l.: s.n.], 2017. Playlist no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLHOMQ6tK7YucQif1fSDW09yR1MVFo0Dx3>. Acesso em: 01 ago. 2025.

Autor desconhecido. **Mapa dos Reinos Combatentes em 260 a.C.** Wikimedia Commons, 2010. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Warring_States_period#/media/File:EN-WarringStatesAll260BCE.jpg. Acesso em: 14 jun. 2025.

PATERSON, Alistair. **Terracotta Army individual**. Flickr (via Wikimedia Commons), 13 abr. 2019. Imagem (fotografia). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_Army_individual.jpg. Acesso em: 01 ago. 2025.

SILVA, Xiquinho. **Terracotta Army**. Flickr (via Wikimedia Commons), 08 jun. 2024. Imagem (fotografia). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_Army_\(54082887524\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_Army_(54082887524).jpg). Acesso em: 01 ago. 2025.

CHARLIE. **Archer head**. Wikimedia Commons, 2015. Imagem (fotografia). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Archer_head.jpg. Acesso em: 01 ago. 2025.

MYDRAMALIST. **The King's Woman – Promotional Photo**. MyDramaList, 2017. Imagem promocional. Disponível em: <https://mydramalist.com/photos/oVZXN>. Acesso em: 01 ago. 2025.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: Autêntica, 2018.
- ALMEIDA, João Flávio; et al. **Por trás das câmeras: a decupagem cinematográfica como inscrição discursiva**. Discursos Fotográficos, Londrina, v. 12, n. 20, p. 146-172, jan./jun. 2016.
- BARBIERI-LOW, Anthony J. **The Many Lives of the First Emperor of China**. Seattle: University of Washington Press, 2022.
- BI, Huicheng; XIAO, Qinghua. **Eunuchism of Imperial China from the Perspective of World History**. Journal of Cambridge Studies, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 105-110, jun. 2009.
- BUCHERT, Thiago. **The Chairman and the Emperor: Historiography of Qin Shi Huang in the late Cultural Revolution Period: 1971-1976**. [S.l.: s.n.], 2011. 42 p. Disponível em: https://www.academia.edu/1075006/The_Chairman_and_the_Emperor_Historiography_of_Qin_Shi_Huang_in_the_late_Cultural_Revolution_Period_1971_1976. Acesso em: 10 mar. 2025.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **Nova História Política e considerações sobre os conceitos de cultura política e representações**. Cadernos de História UFPE. Dossiê: histórias e teorias, v.4, n.4, 2007. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/37735>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. 3. ed. [S.l.]: Forense Universitária, 2011.
- CHEN, Si; CHU, Yuejun. **A Study of the Cultural Significance of Traditional Colors in Chinese Movies**. In: ALI, G. et al. (eds.). Proceedings of the ISEMSS 2022. Amsterdam: Atlantis Press, 2022. p. 1362–1368. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368492975_A_Study_of_the_Cultural_Significance_of_Traditional_Colors_in_Chinese_Movies. Acesso em: 04 set. 2025.
- CLEMENTS, Jonathan. **A Brief History of China**. Tokyo: Tuttle Publishing, 2019.
- CLEMENTS, Jonathan. **The First Emperor of China**. Londres: Sutton Publishing, 2006.
- CREEMERS, Rogier. **Evaluating media policy: objectives and contradictions**. In: Routledge Handbook of Chinese Media. Editado por Gary D. Rawnsley e Ming-yeh T. Rawnsley. Londres: Routledge, 2015, p. 47-64.
- DUYVENDAK, J. J. L. **The Book of Lord Shang**. Chicago: University of Chicago Press, 1928.

- ESS, Hans van. **Emperor Wu of the Han and the First August Emperor of Qin in Sima Qian's Shiji**. In: YATES, Robin D. S. (Ed.). *Birth of an Empire: The State of Qin Revisited*. Berkeley: University of California Press, 2014, p. 238-257.
- FENG, Li. **Early China: a Social and Cultural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- GOLDIN, Paul Rakita. **The Culture of Sex in Ancient China**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2002.
- GUO, George Dawei. **Contemporary Chinese historical television drama as a cultural genre**. In: RAWNSLEY, Gary D.; RAWNSLEY, Ming-yeh T. (Ed.). *Routledge Handbook of Chinese Media*. Londres: Routledge, 2015. p. 372-388.
- HINSCH, Bret. **Women in Early Imperial China**. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2011.
- LEWIS, Mark Edwards. **The Early Chinese Empires: Qin and Han**. Cambridge: Belknap Press, 2007.
- LI, Xiang-min; ZHAO, Meng-jie. **The Untranslatability in Chinese-English Translation of Film Subtitles under the Perspective of Cultural Limitation — A Case Study of Empresses in the Palace**. 2016 International Conference on Education, Training and Management Innovation. Disponível em: <https://dpi-journals.com/index.php/dtssehs/article/view/11190>. Acesso em: 15 mai. 2025.
- LOEWE, Michael. **On the terms bao zi, yin gong, yin guan, huan, and shou: Was Zhao Gao a eunuch?** *T'oung Pao*, 2. série, v. 91, n. 4/5, p. 301-319, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4529012>. Acesso em: 10 jul. 2025
- MAN, John. **The Terra Cotta Army: China's First Emperor and the Birth of a Nation**. Londres: Bantam Press, 2007.
- MCMAHON, Keith. **Women Shall Not Rule: Imperial Wives and Concubines in China from Han to Liao**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.
- MEI, Hua. **Chinese Clothing**. Tradução de Yu Hong; Zhang Lei. Cambridge: Cambridge University Press; Beijing: China Intercontinental Press, 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-290.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. [S.l.]: Autêntica, 2007.
- PETERSON, Barbara Bennett (org.). **Notable Women of China: Shang Dynasty to the Early Twentieth Century**. Armonk, NY: M. E. Sharpe, 2000.

PINES, Yuri. **A Hero Terrorist: Adoration of Jing Ke Revisited**. Asia Major, THIRD SERIES, Vol. 21, No. 2, 2008, p. 1-34. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41649954>. Acesso em: 01 jul. 2025.

PINES, Yuri. **Another life of the first emperor: a story of scholarly biases**. Journal of the American Oriental Society, v. 143, n. 3, p. 687-695, 2023. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/PINALO-2>. Acesso em: 01 jul. 2025.

PINES, Yuri. **Introduction: The First Emperor of China and His Image**. In: YATES, Robin D. S. (Ed.). Birth of an Empire: The State of Qin Revisited. Berkeley: University of California Press, 2014, p. 227-238.

PINES, Yuri. **The Book of Lord Shang: Apologetics of State Power in Early China**. New York: Columbia University Press, 2017.

ROSEMONT, Henry, Jr.; AMES, Roger T. **The Chinese Classic of Family Reverence: A Philosophical Translation of the Xiaojing**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.

SUN, Shingwun; PARK, Theodore. **Eunuchs: Angels or Devils in Disguise?** SHS Web of Conferences, v. 174, 2nd International Conference on Science Education and Art Appreciation (SEAA 2023), artigo n. 03028, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1051/shsconf/202317403028>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ÜNAL, Selva; BINARK, Mutlu. **How past-present-future interconnect in China: CDramas as a tool of cultural governance and the possibility of a 'Chinese wave' in the case of GenZ**. Connectist: Istanbul University Journal of Communication Sciences, 2024, v. 67, p. 177-208. Disponível em: <https://iupress.istanbul.edu.tr/en/journal/connectist/article/how-past-present-future-interconnect-in-china-cdramas-as-a-tool-of-cultural-governance-and-the-possibility-of-a-chinese-wave-in-the-case-of-genz>. Acesso em: 22 mai. 2025.

UNZER, Emiliano. **História da Ásia**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2016.

WOOD, Michael. **História da China: o retrato de uma civilização e do seu povo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

XUE, Mengjie. **The Transmission Effect of Costume Dramas on International Social Media**. Journal of Education, Humanities and Social Sciences, [S.l.], v. 1, p. 82-85, jul. 2022. Disponível em: <https://drpress.org/ojs/index.php/EHSS/article/view/642>. Acesso em: 01 mai 2025.

YATES, Robin D. S. (Ed.). **Birth of an Empire: The State of Qin Revisited**. Berkeley: University of California Press, 2014.

YIN, Fenghui. **Analysis of the Role of Costume Design in Shaping the Characters of Film and Television.** *Frontiers in Art Research*, [S.l.], v. 5, n. 6, p. 58–63, 2023. Disponível em: <https://francis-press.com/index.php/papers/10507>. Acesso em: 04 set. 2025.

YING, Zheng. **Big heroine dramas in contemporary China: Costume, authenticity, and an alternative history of women of power.** *Studies in Costume & Performance*, vol. 5, n. 2, p. 211–238, dez. 2020. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/scp_00026_1. Acesso em: 01 jul 2025.